

ANTÔNIO CAMPOS

TERRITÓRIO DA PALAVRA

2ª edição revisada e ampliada



Antônio Campos

TERRITÓRIO DA PALAVRA



Copyright © 2008 do Instituto Maximiano Campos

Todos os direitos reservados desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização do
Instituto Maximiano Campos.

IMC | Instituto Maximiano Campos
Rua do Chacon, 335 | Casa Forte | Recife | PE | Brasil | CEP 52061-400
Telefones: (81) 3267.5787 | 3304.7342
<http://www.imcbr.org.br> | imc@imcbr.org.br

EDITOR
RAIMUNDO GADELHA

PROJETO GRÁFICO
Patrícia Lima

REVISÃO
Consultexto

COORDENAÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA
FERNANDO BORSETTI

IMPRESSÃO
EGB GRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Antônio

Território da palavra / Antônio Campos. --
2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo: Escrituras Editora, 2008

ISBN: 978-85-7531-292-6

I. Literatura brasileira - Miscelânea I. Título

08-04713

CDD - 869.98

Índice para catálogo sistemático:
I. Miscelânea: Literatura brasileira 869.98

IMPRESSO NO BRASIL – 2008
Printed in Brazil

No princípio era o verbo.

Evangelho segundo São João 1,1

*Penetra
surdamente
no reino
das palavras.*

Carlos Drummond de Andrade

*Se as portas da percepção fossem desobstruídas,
todas as coisas surgiriam diante do homem
como verdadeiramente são, infinitas.*

William Blake

Um dia, virá a palavra,
e o tempo correrá
ao nosso lado.

Então, colheremos a safra:
o sofrimento domesticado.

A HERANÇA E A PALAVRA

Antônio Campos recebeu do pai, o escritor Maximiano Campos, autor do grande romance *Sem Lei nem Rei* e de muitos contos memoráveis, uma herança preciosa: a literatura. E nem se fez de rogado: começou desde cedo a escrever, sobretudo contos e crônicas que o colocam na linha de frente da atual prosa pernambucana. A princípio, eram publicados nas páginas dos jornais do Estado, mas logo ganharam vida própria, incorporaram-se aos livros, disputados pelos leitores.

Uma das principais características do seu trabalho literário é a contenção. Nada de frases longas, cheias de curvas e de vírgulas, apostos, travessões para expor notas e explicações, palavras a esmo, soltas ao vento. Ou soltas nas frases. Ele aprendeu, também com o pai, que as palavras têm vida própria e se explicam sem ornamentos. Uma palavra é o que ela é, reunida a outras palavras e a outras, sem afetação nem contorções desesperadas.

É claro, para isso teria que admirar — como, aliás, admira — um outro escritor fundamental: Ernest Hemingway, o mágico que reuniu muitas sentenças em poucas palavras: exatas e definitivas. Tenho testemunhado as leituras e releituras que ele faz dos norte-americanos, nos quais todos nós fomos beber na água da clareza e da exatidão. Da exposição precisa. Porque literatura é assim: jogo de objetividade e clareza, mesmo quando a sofisticação vai em busca de elementos sensíveis.

Tem sido uma prática quase geral no Brasil confundir escrever bem com romantismo, derramamento inútil, jogo puro de adjeti-

vos que não se juntam aos substantivos e nem sempre aos verbos. Uma coisa nada tem a ver com a outra. Nesse caso, há também uma mistura de romantismo com um remoto barroco, com frases que procuram frases e símiles que se confundem com símiles, sobretudo com a expressão *como* repetida à exaustão. E, muitas vezes, chamam a isso de *estilo*.

Além do repetidíssimo advérbio de modo de linhagem portuguesa: artificialmente, diariamente, costumeiramente, termina uma coisa confusa, que não é nem romântica nem barroca, mas apenas um amontoado de palavras. Repetem-se os vícios de linguagem e o uso de gírias de qualquer maneira. De um lado, para demonstrar erudição ou, pelo menos, para justificar a leitura de clássicos e, de outro, para estar na moda. E o caótico termina ocupando o lugar da simplicidade.

Tanto Hemingway quanto Maximiano forneceram a melhor linhagem literária a Antônio Campos, que terminou por trabalhar com essas “sentenças do tempo”, para lembrar um dos títulos do escritor pernambucano. Portanto, atento à herança, Antônio Campos mostra, neste livro, como é possível ser preciso sem estragar palavras, sem procurar esses caminhos duvidosos do romantismo com uma confusão do barroco. Aliás, fique claro, muitíssimo claro, que não sou contra o barroco. Mas contra a confusão do barroco, ornamentos e frases que terminam por complicar a escrita, muitas vezes complicando o que se quer dizer, sem a técnica elementar da sutileza.

Basta, portanto, ler estas palavras: “A arte de viver é resistir em defesa da vida e dos valores essenciais humanos. Jamais perdi a esperança”. Fortes, incisivas, diretas. Sem enfeites ou sem esnobação. Não há leitor que não as entenda, e não precisa de nenhuma outra forma para ser dita. Pois bem, tudo isso está no poema que Maximiano Campos dedicou ao filho nesta herança e que representa muito bem a sua vontade: “Que seja assim alegre sem desconhecer a tristeza, capaz de uma ilusão”. Enfim, sem perder a esperança, mesmo quando pareça ilusória. Com uma determinação que

não falha e que não encontra repouso. Resistir e resistir. Sempre. Mesmo quando a resistência está no “território das palavras”, uma das expressões usadas por Antônio Campos. E uma das que mais expressam seu caráter de escritor e de intelectual.

Resistir sempre, no *front* da literatura, esta mesma literatura que encontra um momento tão difícil no começo do século, quando as novas gerações, por exemplo, procuram encontrar espaço para publicar seus poemas, suas novelas, seus romances. Embora a publicação em livro tenha se tornado mais fácil — o País tem hoje mais editoras do que livrarias —, o espaço na mídia ficou miúdo, quando não desapareceu completamente. Afinal, parece que a literatura tem um público pequeno, justificam os teóricos, embora os festivais tenham aumentado, atraindo um número cada vez maior de pessoas. Os novos poetas e os novos prosadores estão aí para comprovar a necessidade da leitura em todos os quadrantes e em todos os lugares. E o próprio Antônio Campos resiste com o seu trabalho renovador no campo da promoção cultural, produzindo, por exemplo, a *Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas* – Flip, hoje consolidada com a participação, sobretudo, de escritores da África e da América Latina.

No capítulo da análise do texto, verificamos, ainda, o uso adequado do andamento, algo essencial para quem quer escrever e, sobretudo, para seduzir o leitor. Toda busca do escritor está nesse caminho, que ele faz muito bem. O andamento, como qualquer músico sabe, cria novas sensações, variações de tempo e de movimento, em busca da pulsação narrativa. Ou seja, atrai o leitor, levando-o para aquilo que é básico em qualquer escritor: o ritmo. São movimentos que influenciaram poetas do porte de Edgar Allan Poe, talvez o primeiro a falar do assunto, na *Filosofia da Composição*. O ritmo pode ser uniforme, mas, dentro desse ritmo universal, há vários andamentos. Mas como se realiza esse andamento? Basta ver o que Antônio Campos escreveu aqui. Depois daquele exemplo de prosa enxuta, rápida, podemos observar algo que se torna mais leve, mais longo, mais prolongado. Assim:

Nesta época chamada de pós-utópica ou era das ilusões perdidas, na qual os grandes ideais foram implodidos, marcada por uma forte crise de identidade do homem da modernidade, tem sobrado pouco espaço para se falar do significado da existência e do propósito de vida.

Ou seja: um andamento enxuto, rápido, e um andamento lento, elaborado. Isso não é gratuito e pode, muito bem, mostrar as melhores qualidades de um prosador. Qualidades encontradas, por exemplo, num Machado de Assis, que renovou completamente o texto literário no final do século XIX, muito marcado pelo romantismo. Aquele romantismo que destacamos anteriormente e que, misturado a uma tentativa de barroco inconseqüente, leva a prosa para caminhos tortuosos. Mas é preciso destacar aqui, antes que fique tarde demais, que não estamos criticando nem o romantismo nem o barroco. A crítica gira em torno de uma confusão estilística que aparece no Brasil, sobretudo em época de tanta economia de palavras.

Assim, procuramos analisar o texto em Antônio Campos no uso adequado dos andamentos, inclusive na questão dos sinais gráficos. Este é um problema muito sério: fazer o texto conquistar o leitor pelas pausas e pelos movimentos. É o caso deste parágrafo, no qual a sedução do argumento é acompanhada pela pontuação adequada:

A violência não é um problema apenas policial. Nenhuma política pública voltada para a segurança poderá ter êxito garantida apenas no envolvimento de forças policiais. O Estado e a sociedade precisam realizar ações efetivas também no campo social com ênfase na educação. Temos que combater o crime, mas temos que tentar salvar aqueles que podem se tornar criminosos ou reincidir no crime.

Quatro frases com andamentos diferentes para um só ritmo narrativo: a primeira bem rápida, a segunda mais longa, a terceira mais fechada, com o fechamento de uma frase que se distende na

sua conclusão. Muitas vezes, a pessoa não sabe, sequer, porque está sendo conquistada por um texto, mesmo quando ele apresenta um bom conteúdo. Admite apenas a paixão pelo conteúdo. No entanto, sem que haja artesanato nas frases e nos parágrafos, quase não se pode falar em conquista. Dificilmente uma prosa disforme pode levar um leitor a acompanhá-la até o final. Esse é, sem dúvida, um dos segredos da palavra escrita.

Por isso, não se pode negar que Antônio Campos herdou a literatura de Maximiano Campos, mas encontrou os seus próprios caminhos. Há nele um caminho muito pessoal, particular, envolvente, mesmo quando escreve poemas. Uma qualidade que não se pode negar: a de que, mesmo herdando do pai essa qualidade, soube procurar e encontrar suas próprias formas literárias, com a habilidade de quem teve ouvidos para ouvir e olhos para ler. Porque acompanhou sempre os movimentos do pai, com o carinho de quem acompanha e com a certeza de quem precisa traçar suas próprias veredas.

É dessa maneira que leio os trabalhos desse jovem escritor e advogado que não usa a solidariedade apenas como palavra. Vive-a. O livro está repleto de mensagens de solidariedade, esperança e amor, mas não são — repito — apenas palavras. É ação. Todos podem testemunhar de que maneira prática se solidariza com os pobres e os miseráveis, mas de que forma também está sempre ao lado dos amigos nas circunstâncias mais diversas, sempre com determinação e coragem. No texto ou na vida. Em todas as circunstâncias.

Assim, herdeiro das palavras, pode se afirmar como escritor de qualidades e virtudes, construindo textos que se realizam num discurso vigoroso, ao mesmo tempo político e literário, testemunha do seu tempo, em busca de soluções para as dores do mundo. E do seu país. Basta lê-lo. Basta lê-lo sempre. Para se verificar que aqui é reunida uma prosa que faz sempre bem, acalenta e vibra. Até porque, e a seu modo, Antônio Campos é também um rebelado.

Raimundo Carrero

INTRODUÇÃO

(o sopro que vem da palavra)

Ao longo dos tempos, cartas chegaram até nós, que nos revelam fatos, pessoas, ensinamentos. Como as cartas que os apóstolos escreveram para as igrejas em formação. As cartas do romano Cícero à sua Terência. Mais recentemente, as cartas de Rainer Maria Rilke ao jovem poeta Kappus; de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade; *Cartas ao Mundo*, de Glauber Rocha; *Cartas a um Jovem Contestador*, de Christopher Hitchens; entre tantas outras.

Escrever um livro é como mandar cartas aos amigos. Por que se escreve uma carta? Porque não se pode falar nem calar.

A criação da linguagem e da palavra é a criação do espaço humano.

Se melhorarmos como homens, seremos grandes vencedores da batalha que travamos com nós mesmos.

Afinal,

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia. E se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. Fernando Pessoa.

O autor

SUMÁRIO

I – O AMOR, A VIDA E O TEMPO	23
DO AMOR	29
VIVER É RESISTIR	37
A MÁQUINA DO TEMPO	45
II – O DIREITO E A ADVOCACIA	49
CARTA A UM JOVEM ADVOGADO	53
A ARTE DE ADVOGAR	57
O JULGAMENTO DE CRISTO	63
A IMPRENSA E O DIREITO	67
A NOVA JUSTIÇA DO SÉCULO XXI	81
III – NO INÍCIO ERA A POESIA, E TUDO ACABA EM LIVRO	93
A PAIXÃO PELOS LIVROS	97
O POEMA COMO ORAÇÃO	105
PABLO NERUDA	111
IV – MOLDURA DE MINHA VIDA	115
MAXIMIANO CAMPOS: O HUMANISTA E O ESCRITOR	117
TRINTA ANOS SEM RENATO CARNEIRO CAMPOS	127
O SOL DE PERNAMBUCO	137

GERAÇÃO 65	139
RAÍZES PERNAMBUCANAS	141
PERNAMBUCO, TERRA DA POESIA	145
PANORÂMICA DO CONTO EM PERNAMBUCO	149
V – AMÉRICA LATINA – A (RE)INVENÇÃO DO SONHO	153
PERMANÊNCIA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA	155
FESTA DA AMÉRICA LATINA	159
VI – ÁFRICAS	165
ARRAIS DE CANUDOS	167
ESQUECER NUNCA MAIS	173
TRILHAS DA DIÁSPORA: LITERATURA EM ÁFRICA E AMÉRICA LATINA	177
VII – A VIDA É UM ATO CONTÍNUO DE DESPEDIDA	181
SONATA DE UMA SAUDADE	187
O GUERREIRO DO POVO	193
A CORAGEM INVICTA	199
DADOS BIBLIOGRÁFICOS	203



O amor, a vida e o tempo

que ele é TUDO o que sei sobre o amor

Roberto Freire

*Ó Amor! Sois a asa que Deus
deu à alma, para subir até Ele!*

Michelangelo

O amor que move o Sol, como as estrelas.

Dante Alighieri

DO AMOR

A Luís Felipe e
Marco Antônio Campos,
filhos amados

Nada de humano me é estranho, mas também *nunca devemos aceitar por inteiro o alheio — eis a regra do Rei*, no dizer de Guimarães Rosa.

Três sentimentos tenho de grande significado na vida: o amor, a fé e a esperança.

Então, pediram-me para falar sobre o amor. Talvez o amor seja um tema muito batido, mas, por isso mesmo, renovável.

Assim, peço a paciência e a atenção de vocês, caros amigos e leitores, para falar mais um pouco sobre o grande tema da vida, que, a meu ver, é o amor. As guerras — inclusive as que já existem e as que se avizinham —, a fome, a violência, o terrorismo são diferentes sinônimos ou diferentes faces da palavra *desamor* no mundo.

Todos os grandes iluminados da História estavam ligados a ações vinculadas ao amor, como Jesus Cristo, Buda, Madre Tereza de Calcutá, Martin Luther King, Gandhi, entre outros.

A definição clássica de amor é muito associada a sentimento, mas ele significa também respeitar o próximo, procurar o melhor de cada pessoa.

O jurista italiano Francesco Carnelutti já dizia que o Direito é um triste substitutivo do amor. Quando o amor e a compreensão cessam, nasce o Direito para dirimir os conflitos entre os homens.

O psicanalista Erich Fromm, no seu livro *A Arte de Amar*, afirma que *o amor é a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana*. Carlos Drummond de Andrade, que é au-

tor de *Amor pois que é a Palavra Essencial* e *Amar se Aprende Amando*, diz: *amor, a descoberta de sentido no absurdo de existir.*

Amo, logo existo, diz o poeta argentino Horácio Ferrer.

Khalil Gibran, em sua obra *O Profeta*, disse que *o trabalho é o amor feito visível.*

Na Medicina, Patch Adams, no filme *O Amor é Contagioso*, ensinava-nos que o grande remédio é o amor.

Amadeus Mozart, compositor austríaco, de quem se festejou, no ano de 2006, dois séculos e meio de nascimento, diz-nos: *nem uma inteligência inusitada ou grande imaginação nem ambas juntas fazem um gênio. Amor, amor, amor é a alma do gênio.*

Eça de Queiroz disse que *a missão da arte é ensinar a amar.*

A primeira carta de São Paulo aos Coríntios, cap. 13, na Bíblia, intitulada *O Amor é o Dom Supremo*, apregoa-nos que *ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor [...] nada serei.* Henry Drummond, em seu *Dom Supremo*, que é uma releitura dessa carta de São Paulo, diz-nos com grande sabedoria que o amor é a regra-síntese. A regra que resume todas as outras regras e mesmo as doutrinas. E diz mais: *quem nunca amou é porque o espírito de Deus nunca nele habitou.*

Jesus Cristo, esse enlouquecido de amor pela humanidade, sintetiza o seu pensamento neste mandamento: *amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei.*

O veio central das escrituras é o amor. Na realidade, o cristianismo é um grande espetáculo do amor. E aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.

Uma vez, alguém me disse que o amor não existia. De pronto respondi que, se ele não existisse, nós o criaríamos e, com o sopro de nossa criação, ele teria vida e forma.

E o amor entre um homem e uma mulher? Isabel Allende, no início do seu livro *De Amor e de Sombra*, conta a história de um homem e uma mulher que resolveram amar-se plenamente e liber-

tar-se da vida vulgar. E eles — diz ela — contaram-lhe a sua história para que ela a testemunhasse e para que o vento não a levasse.

Gabriel García Márquez, o Gabo, em *O Amor nos Tempos do Cólera* e nas *Memórias de Minhas Putas Tristes*, mostra que o amor não tem idade e pode explodir/acontecer na maturidade. Neste último, encontra-se a seguinte frase: *o sexo é o consolo que a gente tem quando o amor não nos alcança*.

O amor é a possibilidade da revolução a dois. Se você tiver amor, você não morrerá de sede no mar da vida.

Marco Antonio e Cleópatra immortalizaram o seu amor na Antiguidade. Tristão e Isolda tiveram um lendário amor na Idade Média. Romeu e Julieta se amaram até a morte. León e Sônia Tolstói; Evita e Juan Perón; Sissi e o Imperador Francisco José; Giuseppe e Anita Garibaldi são também exemplos amorosos. O amor revolucionário de Sartre e Simone de Beauvoir. John Lennon e Yoko Ono viveram interessante interdependência alguns anos atrás.

Miguel de Unamuno, no entanto, adverte:

O amor, leitores e irmãos meus, é o que há de mais trágico no mundo e na vida; o amor é filho do engano e pai do desengano; o amor é consolo no desconsolo, é a única medicina contra a morte, sendo, como é, irmão dela. [...] O amor busca com fúria, através do amado, algo que está além deste e, como não acha, desespera.

O filme *2046 – Segredos do Amor*, do cineasta chinês Wong Kar Wai, retrato da parcialidade do erotismo contemporâneo, tenta passar a mensagem do fim da plenitude, da inteireza. Para ele, o verdadeiro amor é impossível. Assim, só o amor impossível é o verdadeiro amor, ou melhor, só o parcial existe e nos excita. A incompletude é a única possibilidade humana. Contudo, em que pese o brilhantismo dessa visão do cineasta de Hong Kong, a própria história e a grande arte negam essa impossibilidade.

Tudo o que sei sobre o amor é que ele é tudo. Só o amor vence a morte. É o amor, e não a vida, o contrário da morte (Cléo e Daniel, Roberto Freire).

Só o amor tem a chave da vida para desvendar o grande mistério da existência humana. Os que trilharam verdadeiramente esse caminho atingiram a iluminação.

Isso tudo pode parecer óbvio, mas é difícil de aceitar e aplicar em nossas vidas.

Neste início de um novo milênio, marcado pela insanidade da guerra e pelas incertezas de uma grave crise econômica e também de valores, insistimos em renovar as nossas esperanças de que o homem, finalmente, descubra a força transformadora do amor, através de ações solidárias para com os seus irmãos. Afinal, quando formos julgados o seremos pelas ações para com nossos semelhantes.

Deus permitiu que eu visse, à minha maneira, que o grande tema da vida é o amor. É possível que, desde então, o meu entendimento sobre a vida, no lugar de ficar resolvido, tenha-se tornado um mistério, mas o meu espírito, finalmente, logrou ficar mais próximo da paz.

Vencer é a própria capacidade de resistir.

Maximiano Campos

Resistir é uma forma de ação hoje.

Leandro Konder

VIVER É RESISTIR

A Ana, minha mãe

Nesta época, chamada de *pós-utópica* ou *era das ilusões perdidas*, na qual os grandes ideais foram implodidos, marcada por uma forte crise de identidade do homem da modernidade, tem sobrado pouco espaço para se falar da existência e do propósito da vida.

A História nos ensina que os séculos se parecem uns com os outros e que, a não ser pela inovação de instrumentos técnicos, o homem permanece o mesmo. Os sentimentos e os desejos se repetem ao longo da História: de glória, de amor, de dinheiro, de poder.

Atualmente, mascaramos a idéia da morte com a supervalorização do corpo e das sensações para não refletirmos sobre o fim da consciência social. Os ideais transcendentais cederam lugar ao imediatismo do prazer, da forma física, da juventude, da beleza, do materialismo.

Alexis de Tocqueville, em sua obra *A Democracia na América*, escreveu estas páginas premonitórias sobre esse individualismo exacerbado:

Quero imaginar sob quais novos traços o despotismo poderia se produzir no mundo: vejo uma multidão incontável de homens semelhantes e iguais que giram incessantemente em torno de si mesmos para obter prazeres pequenos e vulgares com os quais preenchem sua alma. Cada um deles, em separado, é como um estranho ao destino de todos os outros: seus

filhos e seus amigos particulares formam para ele toda a espécie humana; quanto ao resto dos concidadãos, está ao lado deles, mas não os vê; ele os toca, mas não os sente; só existe em si mesmo e para si mesmo, e, se bem que ainda tenha uma família, pode-se dizer pelo menos que não tem mais pátria.

A *res publica*, escreve Gilles Lipovetsky (in *L'ère du Vide*, ed. Gallimard):

[...] desvitalizou-se, e as grandes questões filosóficas, econômicas, políticas ou militares despertam aproximadamente a mesma curiosidade desentolva que qualquer notícia de jornal; todas as “alturas” afundam pouco a pouco, arrastadas na vasta operação social de neutralização e banalização. Apenas a esfera privada parece sair vitoriosa dessa onda de apatia; cuidar da saúde, preservar sua situação material, livrar-se de seus “complexos”, esperar pelas férias: viver sem ideal, sem finalidade transcendente, tornou-se possível.

Vivemos uma era de contradições e incertezas. As gerações se julgam fadadas a refazer o mundo. Agora, talvez a nossa tarefa seja ainda maior: impedir que o mundo não se desfaça.

O *Inferno de Dante* é um reflexo pálido dos horrores das guerras, da fome, das catástrofes, dos ódios e das incompreensões de nossa era.

E qual será o caminho? O escritor Italo Calvino, em *As Cidades Invisíveis*, dá-nos uma pista:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, no qual já vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagens contínuas:

tentar saber quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Como ele diz: é preciso abrir espaço para um mundo mais fraterno e mais justo.

Nikos Kazantzákis nos inquieta sobre o mistério da vida:

Por uma só coisa anseio: aprender o que se esconde atrás dos fenômenos; desvendar o mistério que me dá a vida e a morte; saber se uma presença invisível e imota se esconde além do fluxo visível e incessante do mundo.

Pergunto e torno a perguntar, golpeando o caos: quem nos planta nessa terra sem nos pedir licença? Quem nos arranca da terra sem nos pedir licença?

Sou uma criatura fraca e efêmera, feita de barro e sonhos. Mas sinto em mim o turbilhonar de todas as forças do Universo.

Antes de ser despedaçado, quero ter um instante para abrir os olhos e ver. Minha vida não tem outro objetivo. Quero achar uma razão de viver, de suportar o terrível espetáculo diário da doença, da fealdade, da injustiça e da morte.

Vim de um lugar obscuro, o Útero; vou para outro lugar obscuro, a Sepultura. Uma força me atira para fora do abismo negro; outra força me impele irresistivelmente para dentro dele.

Apesar de todas as guerras, catástrofes e crises morais, existenciais e de valores, o homem resistiu e sobreviveu ao longo dos séculos. A vida é um processo contínuo de resistência.

O impulso da vida e mesmo a arte são, paradoxalmente, atos de resistência ou uma grande briga do homem com a morte, este derradeiro encontro que nos é dado e a que estamos condenados desde que nascemos.

O homem precisa melhor compreender o sentido da vida e da morte e aprender a conviver com a dor, porque, ao ter consciência da transcendência de seu papel, ganha dimensão de eternidade.

Talvez Vinicius de Moraes tenha razão em dizer que é melhor viver do que ser feliz. O propósito da vida não é necessariamente a busca da felicidade. É mais interessante na vida a curiosidade, os desafios, o bom combate com as vitórias e as derrotas. A busca de harmonia. A vida é mais uma busca do que um encontrar. Fernando Pessoa fala sobre a verdadeira história da humanidade:

*Ah! Quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se alguém a escrever, a verdadeira
história da humanidade.
O que não há somos nós, e a verdade está aí.
Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.*

Muitos já falaram com maior maestria e conhecimento do que eu sobre a dor e a delícia de viver. Contudo, faz-se necessário pregar, mais do que nunca, um novo humanismo para o século XXI, em que o homem afinal se convença de que a grande viagem a ser feita é em torno de si mesmo, em busca da sua identidade, e que a grande descoberta é a do outro — seu irmão — através da fraternidade e da solidariedade.

Todo homem pode nascer uma segunda vez ao dar um sentido à sua vida, fazendo-a valer a pena. A arte de viver é resistir em defesa da vida e dos valores essenciais humanos. Jamais perdi a esperança.

— *Lampião de luz apagada,
que vento mau te soprou?*
— *Não foi vento, não foi nada,
meu tempo é que se apagou.*
Benedito da Cunha Melo

*O tempo é a minha matéria,
o tempo presente,
os homens presentes,
a vida presente.*
Carlos Drummond de Andrade

A MÁQUINA DO TEMPO

A todos e a qualquer um

Vivemos a era da velocidade e sob a pressão (opressão) do relógio. O relógio antes ficava na praça. Depois invadiu nossa casa e passou a nos tyranizar na parede. Com o progresso, foi entrando em nosso bolso e chegou ao nosso pulso. Agora está dentro do coração, onde marca o passo.

Vivemos sob o feitiço do tempo, que é um jogo de Deus. Mas é a eternidade que dá sentido à vida. Rubem Alves, em seu *Concerto para Corpo e Alma*, apregoa-nos que:

Eternidade não é o tempo sem fim. Tempo sem fim é insuportável. Já imaginaram uma música sem fim, um beijo sem fim, um livro sem fim? Tudo que é belo tem de terminar. Tudo que é belo tem de morrer. Beleza e morte andam sempre de mãos dadas. Eternidade é o tempo completo, esse tempo do qual a gente diz “valeu a pena”.

A mente, esse portal do ser humano, lutando para escapar do confinamento e do feitiço do tempo, insiste em resistir e produz, entre outras coisas, arte. A arte é uma tentativa de se eternizar. É uma briga do homem com a morte e com o tempo, que é uma máquina que nos aprisiona e nos tritura.

O sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre falou de um tempo tríplice em que o passado, o presente e o futuro estão dinamicamente inter-relacionados. Trouxe tal conceito de *tempo*, a partir das considerações de Santo Agostinho sobre a essência do tempo, no

livro XI das *Confissões* — considerações que foram magistralmente sintetizadas pelo poeta T. S. Eliot nos versos iniciais de *Four Quartets* (1943), que nos traz a seguinte mensagem:

O tempo presente e o tempo passado/Estão ambos talvez presentes no tempo futuro/E o tempo futuro contido no tempo passado./Se todo tempo é eternamente presente/Todo tempo é irredimível.

Em *As Emboscadas da Sorte*, o escritor Maximiano Campos afirma que *tudo é velho e novo, e só o tempo não tem idade. O homem carregará as lembranças do seu passado, mas será sempre novo, mesmo além da sua vontade*. Ele, em texto intitulado *Ladrão de Tempo*, nos diz que o maior ladrão é o de tempo.

A humanidade ainda está presa a conceitos lineares de tempo e espaço. Albert Einstein revolucionariamente fundiu tempo e espaço num contínuo, que chamou *espaço-tempo*. Em 1988, Stephen Hawking publicou sua hoje famosa *Uma Breve História do Tempo*, do ponto de vista de um físico. A física quântica tenta explicar a direção do tempo.

Na presença de campos gravitacionais intensos, podem existir caminhos que levem ao passado. Por isso, é possível passar duas vezes pelo mesmo ponto no *espaço-tempo*. Deveríamos entender o tempo como um círculo, e não uma linha reta, como imaginou a história ocidental, e afirmar que *ao caminhar para o futuro se aproxima do passado*.

Proust, na literatura, escavou com profundidade em busca do tempo perdido.

Será que a vida não é buscar e mesmo perder, proustianamente, o tempo?

O poeta russo Joseph Brodsky nos instiga: *quem é mais nômade, aquele que se desloca no espaço ou aquele que migra no tempo?*

Na realidade, há dois modos, básicos, de percepção do tempo: o quantitativo e o qualitativo, ou melhor, o cronológico e o existencial.

O modo quantitativo adota um fato como referência e um fenômeno periódico para contagem do tempo. Na cultura cristã, considera-se o ano do nascimento de Cristo como inicial e o ciclo da Terra em torno do Sol como período de um ano. O modo qualitativo considera as mudanças que ocorrem em nossas vidas. Usamos expressões como *novo tempo*, *tempos difíceis* e *tempos fáceis*. No filme *Perfume de Mulher*, o personagem cego representado por Al Pacino pede a uma jovem para dançar um tango. Ela diz que não pode porque, em instantes, irá chegar o seu noivo. E ele diz: *em um instante se vive uma vida*. Esse é o tempo qualitativo ou existencial. Podemos intuir o tempo como relativo ou mesmo uma ilusão.

Afinal, aprendi a contar melhor o tempo. Ele não se conta pelas folhas que secam e caem no caminho, mas pelos frutos colhidos ao longo da vida. O tempo não é mais que um momento, mas será eterno se for belo o gesto.



O Direito e a Advocacia

*Embora ainda haja inocentes a defender, embora
ainda haja abusos a denunciar, embora ainda
haja dores produzidas pela injustiça e por leis
ditadas para curá-las, o Direito ainda é jovem, e
a juventude nunca é melancólica porque tem
diante de si o futuro.*

Piero Calamandrei

As leis não bastam, os lírios não nascem das leis.

Carlos Drummond de Andrade

CARTA A UM JOVEM ADVOGADO

A Syleno Ribeiro

Vivemos a era dos extremos. O extremo dos poucos que têm tanto e de tantos que nada têm.

Em sua obra-síntese, o historiador Hobsbawm nos alerta de que o nosso tempo é aquele que *despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideais*.

O interesse dos que ganham com a nova ordem mundial é despolitizar as pessoas e a juventude.

É preciso reagir. Não podemos aceitar a cegueira social, não podemos calar diante das injustiças nem sucumbir à desesperança. Jovens: não deixem roubar os seus sonhos! É tempo de resistência e de travessia.

Subscrovo, assim, esta carta a um jovem advogado, irmão de profissão, que me pediu que falasse sobre a missão social da advocacia, afirmando que a nossa prática é o critério da verdade, pois somente ela nos libertará. Esse deve ser o nosso maior compromisso.

O Direito é muito mais que decorar códigos, pode e deve ser um instrumento de justiça e transformação social. O tecnicismo e a máquina não podem superar o que há de mais humano em nós. Valores como a vida, o amor, a justiça e a solidariedade sempre sobreviverão, apesar de todos os fuzilamentos. O Direito jamais será uma ciência fria ou mera aplicação de leis.

O verdadeiro jurista sabe quando a sombra diz mais que a luz e quando as entrelinhas podem dizer mais que a linha, especialmente quando o resultado justo é o que se persegue. O sentimento de justiça é a fonte psicológica do Direito e seu maior princípio.

O advogado deve, em sua arte, nos tempos atuais, mais do que nunca, assumir a dimensão social da profissão, através da defesa de uma jurisdição inclusiva, pois a cidadania, na Constituição, tem o valor de princípio e deve o aplicador do Direito efetivá-lo.

A luta pelo Direito, na modernidade, reclama pela prevalência dos valores justiça e equidade, um compromisso permanente com a dignidade humana, através de uma interpretação e aplicação do Direito que levem em consideração tais paradigmas.

Há quem veja no amor o fundamento maior do Direito. O jurista italiano Carnelutti já nos diz que o Direito é um pobre substituto do amor.

Pinto Ferreira nos ensina:

O Direito não é o resultado da vontade arbitrária do Estado nem também da vontade caprichosa dos homens ou dos donos do poder, mas deve ser também entendido como um sentimento de justiça e de equidade. O Direito é uma ordem normativo-coativa da conduta humana, atraído por um ideal de justiça e tendo um conteúdo histórico-cultural determinado. Tal ideal de justiça é constante, conforme o grau de desenvolvimento social, geralmente se designando com o nome de *direito natural* ou de *direito ideal*.

O papa Paulo VI, falando aos membros do Conselho da Union Internationale des Avocats, afirmou que o advogado é um homem à procura da verdade, inclusive:

a verdade das almas, sobretudo quando delas recolhe, tão comumente, os mais íntimos segredos. Ninguém, talvez, afora o sacerdote, conhece melhor que o advogado a vida humana sob os mais variados aspectos, os mais dramáticos, os mais dolorosos, os mais viciosos, por vezes, também, freqüentemente, os melhores.

Antonio Evaristo de Moraes Filho, em inolvidável conferência, o advogado criminal, esse desconhecido, dá-nos a seguinte lição:

Aos que insistem em não reconhecer a importância social e a nobreza de nossa missão e nos desprezam quando nos lançamos, com redobrado ardor, na defesa dos odiados, só lhes peço que, num momento de reflexão, vençam a cegueira dos preconceitos e percebam que o verdadeiro cliente do advogado criminal é a liberdade humana...

Rui Barbosa traz-nos a seguinte mensagem:

Legalidade e liberdade são as tábuas da vocação do advogado. Nelas se encerra, para ele, a síntese de todos os mandamentos. Não desertar a Justiça nem cortejá-la. Não lhe faltar com a fidelidade nem lhe recusar o conselho. Não transfugir da Legalidade para a violência, nem trocar a Ordem pela anarquia. Não antepor os poderosos aos desvalidos nem recusar patrocínio a estes contra aqueles. Não servir sem independência à Justiça nem quebrar da Verdade ante o Poder. Não colaborar em perseguições ou atentados nem pleitear pela iniquidade ou imoralidade. Não se subtrair à defesa das causas impopulares nem à das perigosas, quando justas. Onde for apurável um grão que seja de verdadeiro Direito, não regatear ao atribulado o consolo do amparo judicial. Não proceder, nas consultas, senão com a imparcialidade real do juiz nas sentenças. Não fazer da banca balcão ou da ciência, mercatura. Não ser baixo com os grandes nem arrogante com os miseráveis. Servir aos opulentos com altivez e aos indigentes com caridade. Amar a pátria, estremecer o próximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem.

Dizendo, como Martin Luther King, eu tenho um sonho: que o Direito alcance, finalmente, o seu tão almejado objetivo, que é a paz social. E a paz só acontecerá com justiça.

Advogar é uma arte. Com certeza. Simples e complexa como interpretar uma sinfonia de Beethoven. Ou como examinar um denso romance de Dostoiévski.

Em *Arte del Derecho*, Carnelutti assegura, com exatidão, que:

a interpretação jurídica e a interpretação artística não são coisas diversas, mas a mesma coisa. Se o Direito — prossegue — não fora arte, não haveria interpretação em seu âmbito. A interpretação jurídica é uma forma de interpretação artística; se não tivesse esse caráter, não seria interpretação. A grandeza de Vittorio Sciajola e de Artur Toscani pertence a uma só categoria.

Nada mais verdadeiro. O jurista quase sempre estará diante dos intrincados labirintos das relações humanas e, por isso, ao interpretar o ordenamento jurídico, poderá jogar o homem para a luz ou para o abismo.

Interpretar uma lei é o mesmo que se lançar sobre a partitura musical, por exemplo, para conhecer os mistérios e os segredos do compositor e torná-los mais belos aos ouvidos da multidão.

A arte de advogar exige, antes de tudo, paixão. Era impressionante a paixão com que Rui Barbosa e Sobral Pinto defendiam as suas causas.

Aliás, a paixão é a condutora do mundo, conforme ressalta o poeta pernambucano Ângelo Monteiro, em poema publicado no livro *Armorial de um Caçador de Nuvens*.

E mais ainda: para conseguir alcançar arte e paixão, o advogado precisa de estratégia. Precisa conhecer a *Arte da Guerra*, mesmo para construir a paz. A advocacia é um dos poucos ofícios em que se lida com um adversário ante a triangularidade da relação processual. Para vencer, precisa de estratégia e de muita luta.

A arte de advogar exige concentração. Quanto mais concentrado no que você faz, mais chances de êxito você tem.

O advogado deve, em sua arte, nos tempos atuais, mais do que nunca, assumir a dimensão social da profissão.

O jurista Mauro Cappelletti escreveu que:

sob a ponte da Justiça, passam todas as dores, todas as misérias, todas as aberrações, todas as opiniões políticas, todos os interesses sociais. Justiça é compreensão, isto é, tomar em conjunto e adaptar os interesses opostos: a sociedade de hoje e a esperança de amanhã.

O ranço individualista e elitista da advocacia deve ser afastado para um maior compromisso social da profissão.

Os advogados representam, perante um dos poderes do Estado, os anseios e as aspirações da sociedade.

E, nessa tarefa, devem procurar a correta aplicação da lei e, sobretudo, a justiça, contribuindo, assim, para o aprimoramento da vida em sociedade.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 15.10.1999)

*Uns agem sobre os homens como a terra, soterrando-os e
abolindo-os, e esses são os mandantes do mundo.
Uns agem sobre os homens como o ar, escondendo-se uns dos
outros, e esses são os mandantes do além-mundo.
Uns agem sobre os homens como a água, que os converte em
sua mesma substância, e esses são os ideológicos e os filósofos.
Uns agem sobre os homens como o fogo, que queima nele todo
o accidental, e os deixa nus e reais, esses são os libertadores.*

Fernando Pessoa

O JULGAMENTO DE CRISTO

No ano 17 do reinado do imperador romano Tibério César, e 30 da nossa era, em Jerusalém, numa sexta-feira, o procurador romano da Judéia Pôncio Pilatos condenou Jesus Cristo a morrer crucificado entre dois ladrões, um à esquerda e outro à direita.

Jesus foi um prisioneiro político. Não morreu na cama ou atropelado por um camelo nas ruas de Jerusalém. Morreu sob dois processos políticos, condenado à pena de morte na cruz, acusado de subversão.

Nos dois processos a que Jesus foi submetido — o religioso, perante o Sinédrio (Tribunal supremo dos judeus, que aplicava as leis mosaicas, integrado pelos sumos sacerdotes, os anciãos e os mestres da Lei), e o civil, segundo a lei romana, perante Pilatos, ambos iniciados e concluídos em menos de 24 horas —, foram cometidas diversas irregularidades e arbitrariedades.

Pilatos violou várias regras elementares do Direito romano: não designou os acusadores, não concedeu ao acusado o direito de ter um defensor, não proferiu a sentença em termos regulares.

O procedimento a que Jesus foi submetido violou relevante norma legal da época:

nas causas pecuniárias, pode-se terminar o processo no mesmo dia em que se começou; nas causas capitais, pode-se pronunciar a absolvição no mesmo dia, mas a condenação deve, ao invés, deferir-se ao dia seguinte, na esperança de que se encontre um argumento a favor do acusado.

Jesus não convocou advogado para assisti-lo. Na realidade, ele é quem estava patrocinando a causa da Humanidade, em cuja defesa sacrificou a própria vida.

O imperador Tibério César queria dominar o mundo com espadas e máquinas de guerra. Jesus queria transformá-lo com uma história de amor e terminou crucificado.

Se os insígnies criminalistas de nossa era requeressem a revisão criminal de Jesus — para efeito de estudo —, facilmente demonstrariam diversas ilegalidades praticadas pelo Sinédrio quanto à própria lei mosaica e às diversas ofensas praticadas contra a *Lex Romana* por Pilatos. Para se corrigir um erro judiciário, pode-se alegar um fato novo a qualquer tempo. Não há preclusão para a injustiça. Aliás, o sentimento de justiça é a fonte psicológica do Direito.

Quanto ao tema, o inigualável Rui Barbosa, em página pouco conhecida e bastante atual, assim pontifica:

De Anás a Herodes, o julgamento de Cristo é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompida pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. A sua fraqueza, a sua inocência, a sua perversão moral crucificaram o Salvador, e continuam a crucificá-lo, ainda hoje, nos impérios e nas repúblicas, cada vez que um tribunal sofisma, tergiversa, recua, abdica. Foi como agitador do povo e subversor das instituições que se imolou Jesus. E, de cada vez que há precisão de sacrificar um amigo do Direito, um advogado da verdade, um protetor dos indefesos, um apóstolo de idéias generosas, um confessor da lei, educador do povo, é esse, a ordem pública, o pretexto que renasce para exculpar as transações dos juizes tíbios com os interesses do poder. Todos esses acreditam, como Pôncio, salvar-se, lavando as mãos do sangue, que vão derramar, do atentado, que vão cometer. Medo, venalidade, paixão partidária, respeito pessoal, subserviência, espírito conservador, interpretação

restritiva, razão de Estado, interesse supremo, como quer te chames prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação para o juiz covarde (in *Obras Seletas*, vol. 7, Casa de Rui Barbosa, Rio, 1957).

O julgamento de Jesus Cristo demonstrou a falibilidade da justiça humana e constitui o maior erro judiciário da História.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 29.03.2003)

A IMPRENSA E O DIREITO

A liberdade de expressão é habitualmente compreendida como o direito de emitir juízos e opiniões acerca de temáticas ou acontecimentos e vai decorrer da liberdade de manifestação do pensamento; daí a Constituição, em seu art. 5º, inciso IX, ser bem clara ao estabelecer: *é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente-mente de censura e licença*. Daí se compreende muito bem haver uma liberdade relativa à atividade intelectual, outra à atividade artística, outra à atividade científica, sendo a quarta alusiva à atividade de comunicação, referindo-se todas ao direito de crítica, de exprimir juízo de valor. Quando se menciona a atividade comunicacional, está-se falando do direito de crítica jornalística, garantido constitucionalmente, e nesse mesmo artigo é vedada a censura prévia, seja ela de natureza política, ideológica ou artística.

Na verdade, estamos aí diante do direito de informar, do direito de se informar e do direito de ser informado. Basta ler o art. 120, *caput*, da Constituição Federal, para compreender a intenção do legislador de não permitir qualquer forma de restrição ou censura à manifestação do pensamento, à criação, à expressão e à informação, sob qualquer forma, processo ou veículo. Verifica-se, assim, a existência do direito da expressão de idéias, opiniões, assim como o direito à transmissão de notícias; se o primeiro é a faculdade de expressar o pensamento, o segundo é o direito de transmitir à opinião pública notícias de qualquer espécie; enfim, a informação jornalística faz parte do direito de informar que se realiza através dos veículos específicos.

Por outro lado, o direito de se informar consiste evidentemente no acesso de todos à informação. É o inciso XIV do art. 5º da Constituição que possibilita a qualquer pessoa esse acesso: *é assegurado, a todos, o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte quando necessário ao exercício profissional.*

Há quem afirme que o direito à informação conjuga o direito de informar e o direito de se informar. Quanto ao direito de ser informado, é estatuído no inciso XXXIII da Constituição: *todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral.* Entretanto, quando se fala em imprensa livre, o outro lado do espelho acaba por ser a prática da censura. Também poderão surgir conflitos pela ânsia da mídia por notícias sensacionalistas. Ainda assim, Thomas Jefferson afirmava: *se pudesse decidir se devemos ter um governo sem jornais ou jornais sem governo, eu não vacilaria um instante em preferir o último.*

Quando observamos a origem etimológica da palavra *imprensa*, vemos que vem do latim *impressa*, *impressu*, que significa *prensa das artes gráficas*. A imprensa periódica era habitualmente denominada *jornalismo*, *journalisme* (francês), *journalism* (inglês), *giornalismo* (italiano) ou *periodismo* (espanhol). Em um sentido mais amplo, essa atividade existiria desde a mais remota antiguidade, na medida em que a comunicação social é inerente à própria natureza humana. Há quem afirme, como Giuliano Gaeta, que a origem do jornalismo teria ocorrido em Roma; para outros, ela estaria associada à expansão da imprensa na Europa: na Baixa Idade Média, surgiram os manuscritos elaborados pelos copistas, com a finalidade de divulgar fatos, embora sem periodicidade; a seguir, surgiriam as primeiras gazetas semanais. No século XV, em Veneza, difundiram-se notícias e avisos que eram vendidos a políticos e comerciantes, o que se denominou *gazzetta*: há quem diga que essa denominação deriva da moeda vêneta com que se pagava a aquisição e leitura da folha circulante de notícias. Na França, ano de 1631, cria-se o primeiro jornal no sentido escrito, *A Gazeta de França*, impresso por quase três séculos, até 1915.

Há quem afirme que o início do jornalismo estaria vinculado a uma origem técnica. Daí só teria verdadeiramente surgido nos primeiros anos do século XIX. A partir do surgimento da máquina a vapor e sua utilização nas máquinas de impressão, passou o jornalismo a ser um fenômeno de massa — essa posição é habitualmente a dos doutrinadores norte-americanos.

Oduvaldo Donnini e Rogério Ferraz Donnini, em seu livro *Imprensa Livre, Dano Moral, Dano à Imagem e sua Quantificação à Luz do Novo Código Civil*, trazem uma boa contribuição a esse histórico:

No Ocidente já eram utilizados o papiro (do latim papyrus) e o pergaminho, então utilizados para a escrita. O papiro egípcio, que era fabricado por meio do corte de uma planta lacustre chamada Cyperus papyrus, foi a maneira de escrita que sucedeu à argila e à madeira, amplamente empregado nos livros gregos e na antiga Roma, onde era denominado char-ta. O pergaminho (do grego pergamenós), de origem bastante antiga, era feito com peles de animais curtidadas e continuou a ser utilizado, mesmo após o século XIV, em especial como escrita nobre.

Muito antes da criação da prensa por Johann Gensfleisch zum Gutenberg (1397–1468), esse sistema, embora rudimentar, já era utilizado para a impressão de panfletos, na China. Nesse país, aliás, no século II a.C., existiam os textos escritos, em muitos exemplares, assim como a técnica de xilografia (arte de gravar em madeira). Também a técnica da impressão de tipos móveis desenvolveu-se na China, anos antes do conhecimento europeu. No século XI existiam tipos móveis feitos de barro e, em seguida, chegaram os tipos metálicos. No entanto, a escrita chinesa, por ter milhares de caracteres, não possibilitou o emprego a contento dessa invenção, em face da ausência de praticidade.

Johann Gensfleisch, nascido em Mogúncia (Mainz), na última década do século XIV, de uma família de artesãos, é o verdadeiro

nome de Gutenberg. Em verdade, na casa de sua família havia a inscrição *Zu Guten Berg* (à linda montanha), o que gerou seu pseudônimo e passou a ser o nome de família. Gutenberg, na realidade, inovou ao idealizar e concretizar a criação dos tipos metálicos móveis para impressão. Esse invento aconteceu na cidade de Estrasburgo, por volta de 1434, para onde Gutenberg se mudou aos 31 anos de idade. Em 1442, foi impresso em sua tipografia o primeiro livro, sendo que, nesse ano, ele e seu sócio, Johann Fust, fundaram a empresa *Das Werk der Bücher* (Fábrica de Livros).

A retumbância da descoberta teve sua glória quando o Papa Nicolau v, em 1456, autorizou a impressão da célebre Bíblia de 42 linhas, em duas colunas, fato inédito para a época, conhecida como *Bíblia de Gutenberg*. Com cada tipo composto à mão, e com cada página laboriosamente colocada na impressora e, em seguida, retirada seca e, depois, impressa no verso, a Bíblia, com 641 páginas, foi impressa por Gutenberg, em 300 cópias. Depois, imprimiu o primeiro *best seller* da história, o *Catholicam de Balbi*, espécie de enciclopédia medieval. Posteriormente, com a disseminação da tecnologia de impressão, as inovações não pararam de surgir. Nasceram em 1461, ainda na Alemanha, as ilustrações tipográficas. Depois em Roma e em Oxford, na Inglaterra, foram instaladas empresas tipográficas, e teve início a época das grandes impressões de livros, enciclopédias e impressos em geral. No restante do mundo ocidental, da mesma forma, as impressões caminharam de forma célere, mas sempre controladas, censuradas pelos nobres, pela Igreja, pela Reforma (Calvino, Lutero) e pelo Estado. Sem a imprensa, a Reforma não teria se consolidado de maneira tão rápida. Da mesma forma, o Estado Moderno, fundado na propaganda política, não teria se estabilizado.

A imprensa no Brasil

Em 1747, por meio de uma carta régia, a Corte portuguesa vetou a impressão de livros e avulsos — com a medida, foi destruído o

primeiro e único empreendimento gráfico da época, uma tipografia aberta um ano antes no Rio de Janeiro por Antônio Isidoro da Fonseca —, medida que atrasou em quase cem anos a implantação da imprensa no País. Em 1808, quando a Corte de Portugal mudou-se tempo-rariamente para o Rio de Janeiro, veio com ela a imprensa régia, Casa Editorial Estatal, que mais tarde seria transformada na Imprensa Nacional, a mesma que continua a publicar o *Diário da União*, lançado em 1862. No ano de 1808, foi criado o *Correio Braziliense*, que os livros de História classificam como o primeiro jornal em português a circular no Brasil, embora editado e impresso em Londres. Também em 1808 foi lançada a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicação estatal editada sob censura prévia e oficial. Em Salvador, igualmente censurado, foi publicado *A Idade d'Ouro*, no ano de 1811. Em 1821, surgem o *Diário do Rio de Janeiro e Reverbo Constitucional Fluminense*. Dos jornais do início do século XIX, o único que continua a ser editado até hoje é o *Diário de Pernambuco*, lançado em 1825, considerado o mais antigo diário em circulação ininterrupta na América Latina. Em nosso país existem atualmente cerca de quatrocentos jornais diários, com uma tiragem de sete milhões de exemplares.

Hoje, costuma-se indagar se os jornais impressos sobreviverão ao jornalismo *on-line*, pela Internet, e alguns especialistas respondem afirmativamente, mas declaram que a mídia impressa sofrerá uma mudança radical, especialmente no que se refere ao enfoque da notícia. Conforme Ali Kamel, com a rapidez da comunicação pelo rádio, pela televisão e Internet, o que se busca agora é a análise do fato, a crítica, a opinião e o aprofundamento dos temas relacionados à informação. O que o leitor do jornal impresso quer, atualmente, é a notícia examinada criticamente pelos profissionais da informação — de modo que a tendência é desaparecerem certas manchetes que apenas reproduzem o que o leitor já tomou conhecimento através da televisão, do rádio ou do jornalismo *on-line* do dia anterior. Assim, o progresso da tecnologia eletrônica tem auxiliado os jornais impressos para que possam fazer um trabalho mais analítico e interpretativo. Daí que não tenha ainda

ocorrido a profecia de Bill Gates (“a partir do ano 2000, não haverá mais jornais impressos”) e que o próprio dono da Microsoft, para defender sua idéia de uma sociedade sem papel, tenha publicado um livro, no caso *A Estrada do Futuro*, editado no Brasil, pela Companhia das Letras, em 1995.

Conhecemos no âmbito do Direito a definição romana de *liberdade*, na qual ela é considerada a faculdade natural de alguém fazer o que lhe apraz, a menos que seja impedido pela força ou pelo Direito. Porque o sentido latino do vocábulo *liberdade* (*libertate*) equivale ao grego *eleutheria*; como destaca José Cretella Júnior, o *liber*, o *eleutheros* contrapunha-se ao escravo, o *servus*. Para usar os versos de Cecília Meireles, a liberdade seria “essa palavra que o ser humano alimenta / que não há ninguém que explique / nem ninguém que não entenda”. Para conceituá-la, é preciso estabelecer uma relação com os conceitos de *arbítrio*, de *determinismo*, de *autonomia*, de *vontade*, de *indiferença*. No preâmbulo da nossa Constituição, está assegurado o exercício da liberdade do cidadão, dentro do Estado brasileiro. Como se sabe, a vida em sociedade impede as expressões individuais ou coletivas que ultrapassem determinados limites, fixados pelo Estado, daí as normatizações jurídicas invocadas para harmonizar os cidadãos na coletividade; enfim, a liberdade consistiria em se poder fazer tudo aquilo que não é prejudicial ao outro.

A constituição histórica da liberdade, ao tempo do século XVII, foi uma semente germinada por autores como Erasmo de Roterdã, Thomas Morus, Montaigne, Montesquieu. A dimensão ética da liberdade é a perspectiva de um ideal democrático que estava ainda a ser criado como consequência do humanismo. Só no século XVIII é que acontece a consolidação do ideal da liberdade enquanto ideologia política, aparecendo no espaço público como o primado da soberania popular e da vontade geral, princípio máximo do humanismo, valor precioso dentre aqueles da modernidade. A condição de base para a conquista da liberdade era a garantia da livre expressão das opiniões no espaço público. A opinião pública nasce como reflexo dos ideais

libertários dos séculos XVII e XVIII, quando o público iluminado e politizado resolve discutir os limites da autoridade do Estado e da censura. A imprensa, como local privilegiado da controvérsia política contra o controle do Estado, vai adquirir, com a modernidade, uma dimensão própria de liberdade, dada em função da sua natureza mediadora e de sua capacidade de mobilização social. A imprensa e a liberdade de imprensa consagram-se como os direitos mais legítimos, por se constituir em um espaço deliberativo da soberania coletiva, estruturado pelo princípio da tematização pública das questões políticas.

A liberdade de imprensa significa que os meios de comunicação são livres para manifestar sua opinião, criticando e denunciando irregularidades verificadas, dentro dos limites impostos pelas leis. Há limites chamados *internos*, que se referem à responsabilidade para com a sociedade e o compromisso com a veracidade e o equilíbrio na divulgação das informações; já os segundos limites, também chamados *externos*, são os que dizem respeito ao confronto com outros direitos considerados fundamentais pela Constituição Federal.

No âmbito internacional, o primeiro país a cuidar das liberdades públicas foi a Inglaterra, em 1695, tornando sem efeito um ato que estabelecia a censura prévia. A seguir, em 1789, a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, na França, estabelecia a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões como um dos direitos mais preciosos do homem. Também a *Carta de Direitos* americana do Estado da Virgínia, em 1766, protegeu os direitos inatos do homem, e a sua Constituição consagrou a liberdade de imprensa, declarando que ela é um dos baluartes da liberdade e não pode ser restringida por despotismo governamental.

O direito de informar foi universalmente reconhecido em 10 de dezembro de 1948 pela ONU, e nesse mesmo ano, em Bogotá, foi aprovada a *Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem*, que, em seu art. 4º, transcreve: *Toda pessoa tem o direito à liberdade de investigação, de opinião e de expressão e de difusão*

do pensamento por qualquer meio. Em Roma, em 1950, foi aprovado o convênio europeu para proteção dos Direitos Humanos, que no art. 10 estabelece: *Toda pessoa tem o direito à liberdade de expressão.* Esse direito compreende a liberdade de opinião e a liberdade de receber ou comunicar informações ou idéias sempre que possa haver ingerência de autoridades públicas e sem consideração de fronteiras. O presente artigo não impede que os Estados submetam as empresas de radiodifusão cinematográfica ou de televisão a um regime de autorização prévia.

No ano de 1966, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas aprovou o *Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos*, que estabelece, no seu art. 19:

1. Ninguém pode ser discriminado por causa das suas opiniões; 2. Toda pessoa tem direito à liberdade de expressão; este direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações de toda natureza, sem limitações, na forma oral, por escrito, impressa ou artística ou com qualquer outro procedimento de sua escolha; 3. O exercício do direito previsto no parágrafo 2º deste artigo compreende deveres e responsabilidades especiais; por conseguinte, pode estar sujeito a certas restrições, que deverão estar expressamente previstas em lei, no sentido de assegurar o respeito aos direitos de outros ou à proteção da segurança nacional.

A Convenção Americana sobre Direitos Humanos, mais conhecida como *Pacto de São José da Costa Rica*, firmado em 1969 com a intenção de afiançar os Direitos Humanos nas Américas, prevê, em seu art. 13, o seguinte:

1. Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamentos e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e idéias de toda natureza, sem limitações, na forma oral, por escrito, impressa ou artística ou por

qualquer outro procedimento de sua escolha; 2. O exercício do direito previsto no inciso precedente não pode estar sujeito a prévia censura, senão a responsabilidades ulteriores, que devem estar expressamente previstas em lei e necessárias para assegurar: a) o respeito aos direitos ou à reputação de outros ou b) a proteção da segurança nacional, a ordem pública, saúde ou moral; 3. Não se pode restringir o direito de expressão por vias ou meios indiretos, tais como o abuso de controles oficiais ou particulares de papel para jornais, de freqüência, ou de aparatos usados na difusão de informação ou por qualquer outro meio para impedir a comunicação e a circulação de idéias e opiniões.

Sabemos que, do ponto de vista do Direito Constitucional, a censura é todo procedimento do poder público que vise a impedir a livre circulação de idéias, habitualmente contrárias aos interesses dos detentores do poder político. Na realidade, é a Constituição que estabelece as normas básicas para o jogo democrático; a dificuldade de viver sem a democracia se relaciona com a reprodução de comportamentos autoritários, na relação autocrática dos governantes para com os governados. O que se busca historicamente tem sido uma experiência pessoal que não nos permita conceituar a sociedade em que vivemos como autocrática; o que se busca é o princípio da justiça, amparado no princípio da igualdade (direitos iguais) com o princípio da diferença (tratamento das desigualdades sociais). A antinomia entre democracia e censura revela-se porque são termos antitéticos, antagônicos, inconciliáveis: a democracia é inconciliável com a censura, porque esta obsta o regular funcionamento da democracia — a censura é uma imposição autocrática, e a democracia é a livre circulação de idéias, opiniões, é o pluralismo político, ideológico e artístico. Por violar um direito dos mais caros ao homem — a liberdade de expressão e informação —, a censura torna-se incompatível com a democracia.

A doutrina e a jurisprudência têm destacado *liberdade de expressão e direito à informação*: enquanto que a primeira compreende pensamentos, idéias e opiniões; a segunda abrange a faculdade de comunicar e receber livremente informações sobre os fatos considerados noticiáveis. Essa distinção é de grande importância para a demarcação dos limites e das responsabilidades no exercício desses direitos. A liberdade de expressão tem um âmbito mais amplo do que o direito à informação, uma vez que aquela não está sujeita ao limite interno da veracidade, da prova da verdade, aplicável a este último. Conforme o promotor de Justiça e professor da Universidade Estadual do Piauí e doutorando em Direito Constitucional pela UFSC Edilson Farias, o limite interno da veracidade, aplicado ao direito à informação, refere-se à verdade subjetiva, e não à verdade objetiva; vale dizer que, num Estado Democrático de Direito, o que se exige do sujeito é um dever de diligência ou apreço da verdade, no sentido de que seja constatada a fonte dos fatos noticiáveis e verificada a seriedade da notícia antes de qualquer publicação.

Ellen Hume, da Universidade de Massachusetts, declara ser impossível maximizar a estabilidade política, o crescimento econômico e a democracia sem o livre fluxo de informações:

[...] informação é poder — para uma Nação desfrutar das vantagens políticas e econômicas oferecidas pelo Estado de Direito, as instituições que detêm poder devem ser abertas ao escrutínio da população, [...] para que a tecnologia e a ciência avancem, as idéias devem ser compartilhadas abertamente, [...] e uma mídia jornalística livre e independente é essencial para o processo de valorização da prestação de contas do governo à população, [...] A mídia que trabalha honestamente para manter a transparência do governo pode ajudar no suporte ao Estado de Direito, gerando, dessa forma, maior estabilidade para o país.

Destaca ainda Ellen Hume que um segundo relatório do Banco Mundial, *Consultas aos Pobres*, estudou vinte mil pessoas carentes em vinte e três países e chegou à conclusão de que:

o que mais diferencia os pobres dos ricos é não poder se fazer ouvir. A incapacidade de representação. A incapacidade de comunicar às autoridades o que pensam, a incapacidade de projetar o holofote sobre as condições de desigualdade. Essas pessoas entrevistadas não têm PhDs, mas têm a experiência de pobreza, e a primeira coisa de que falaram não foi dinheiro, foi a falta de voz ativa, a incapacidade de se expressar.

Um setor de mídia vigoroso, com jornais, rádios, sites de Internet e televisão independentes e competitivos, permite que essas vozes sejam ouvidas.

A liberdade de expressão não deve estar em risco, sob pena de instabilidade social. Uma imprensa cerceada em sua liberdade de expressão implica um enfraquecimento das liberdades públicas, pois é fundamental garantir ao povo o acesso aos meios de comunicação. A complementaridade do que concerne às redes informativas entre os sistemas privado, público e estatal, prevista no art. 223 da Constituição, implica um equilíbrio de forças diante de qualquer monopólio privado e poderá fazer a questão caminhar para além dos *lobbys* manipuladores, atravessando supostas imparcialidades e dialogando no sentido da democratização.

A liberdade de expressão e informação não é absoluta, tem seus limites. Existem os direitos à intimidade, à vida privada e à imagem, chamados de “direitos à privacidade”. Existe, por outro lado, a liberdade de externar opiniões não suscetíveis de comprovação. Embora a Constituição Federal proíba qualquer forma de censura, não devem ser esquecidos os direitos do cidadão, sob pena de ocorrer abusos dessa mesma liberdade de expressão e informação. Acredito ser oportuno encerrar esta reflexão recorrendo às palavras

do grande Rui Barbosa em sua famosa conferência *A Imprensa e o Dever da Verdade*, ao destacar o direito do povo à informação:

A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam ou roubam, percebe onde lhe alvejam ou nodoam, mede o que lhe cerceiam ou destroem, vela pelo que lhe interessa e se acautela do que a ameaça.

(Palestra proferida no seminário *Liberdade de Imprensa*, no TRF – 5ª Região, em fevereiro de 2007)

A NOVA JUSTIÇA DO SÉCULO XXI

A Durval de Noronha Goyos Júnior

Magnífica Reitora Ivânia Barros Melo, das Faculdades Integradas Barros Melo,
caros formandos, Turma Instituto Maximiano Campos,
caro advogado, vice-presidente da OAB/PE e professor Carlos Eduardo Pugliesi, paraninfo,
caro procurador João Armando Costa Menezes, patrono,
meus amigos e minhas amigas,
autoridades presentes, familiares dos formandos,
agradeço a honrosa homenagem feita ao escritor Maximiano Campos e ao Instituto, ao se dar o nome Instituto Maximiano Campos à turma dos formandos das Faculdades Integradas Barros Melo, que hoje cola grau.

A ERA DA ECONOMIA DO CONHECIMENTO

Caros formandos,

Bem-vindos ao século XXI, que é marcado por uma transição para a era da economia do conhecimento. A riqueza revolucionária da Terceira Onda é defendida por Alvin Toffler, cada vez mais baseada em conhecimento, e está muito associada à tecnologia.

No recente *best seller Riqueza Revolucionária* (o significado de riqueza no futuro), Alvin Toffler, autor de *O Choque do Futuro* e *A Terceira Onda*, que divide o livro com sua mulher Heidi, afirma:

À medida que a globalização permite que se compartilhe toda e qualquer informação em tempo real, em todas as partes do mundo, a importância do conhecimento para a criação de riquezas é cada dia maior e está prestes a atingir um nível ainda mais relevante. Como resultado, todos nós, ricos e pobres, de alguma forma viveremos e trabalharemos com a riqueza revolucionária e com as conseqüências do que acontece no mundo à nossa volta.

A economista Rima Khalaf Hunaidi, diretora do escritório regional do Programa de Desenvolvimento da ONU para os Estados Árabes, citada por Toffler, afirma que:

o conhecimento define, cada vez mais, a linha entre a riqueza e a pobreza, entre a capacidade e a impotência e entre a realização e a frustração humana. Um país capaz de mobilizar e difundir conhecimento pode aumentar rapidamente seu nível de desenvolvimento, ajudar todos os seus cidadãos a crescer e assumir seu lugar no palco global do século XXI.

É o que esperamos do Brasil, esse gigante que tem um papel importante no século XXI e que já desponta como uma das 10 maiores economias do mundo.

Contudo, ao olharmos para o futuro, temos que olhar o nosso passado, porque um não existe sem o outro, como muito bem define um especialista em futuro e planejamento estratégico, o francês Michel Godet, que diz:

Aquele que ignora o seu passado não pode antecipar os seus futuros possíveis. A maioria dos acontecimentos destinados a produzir-se já criaram raízes num passado longínquo. Uma olhadela freqüente para o retrovisor também faz parte de uma boa condução face ao futuro.

Está chegando um novo Pernambuco, que é fruto de um passado de muita luta. Investimentos estratégicos no Estado trazem um

novo ciclo de desenvolvimento. Os profissionais têm que estar preparados para essa nova economia. É tempo de Pernambuco.

A GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA E OS REFLEXOS NO SISTEMA E NOS SERVIÇOS JURÍDICOS

Vivemos uma nova era de uma economia globalizada, e os serviços jurídicos tendem a se globalizar seguindo a economia. A globalização passou a afetar as relações humanas e conseqüentemente trouxe reflexos para o Direito.

Está em andamento um processo de formação de uma nova ordem jurídica internacional. Ora, se a globalização é uma realidade, existe um Direito global? O professor da USP Fernando Aguillar afirma o seguinte sobre essa complexa questão:

Não há propriamente um Direito global, aplicável a todos os países de maneira centralizada e controlada por órgãos semelhantes ao Poder Judiciário de cada país. Os tribunais internacionais têm competência limitada em certas matérias e funcionam com inúmeras restrições típicas do Direito internacional, decorrentes do respeito à soberania de cada país.

É preciso estar à frente do seu tempo: quais serão as novas tendências do Direito: o Biodireito, o Societário, Direito Comunitário ou Ambiental? É uma pergunta que o mundo já está respondendo na prática.

WORLD JUSTICE PROJECT

A Union Internationale des Avocats (UIA) e a Internacional Bar Association (IBA), duas das maiores associações de advogados do mundo, reuniram profissionais de diversos países para discutir o acesso à Justiça, no final do ano passado.

Lançaram o *World Justice Project*, que é um projeto mundial criado para ampliar a difusão, o acesso e a aplicação da Justiça em

todos os países, principalmente de regiões em condições sociais críticas como a África e o Oriente Médio.

No Brasil, por exemplo, o custo para demandar é muito alto. Uma maior informatização diminuiria essa despesa, aumentaria a acessibilidade à Justiça e aceleraria as decisões, conforme veremos a seguir.

A VIRTUALIZAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO

Não podemos deixar de lembrar a fala da presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Ellen Gracie, quando decidiu o primeiro processo por meio da certificação digital: *a virtualização do Poder Judiciário é um caminho sem volta.*

Embora algumas experiências tenham sido realizadas, o processo virtual, no Brasil, foi efetivamente instituído pela Lei nº 11.419/06. Essa norma trata da informatização dos processos judiciais e da comunicação eletrônica, além de oferecer aos profissionais do Direito e às áreas de Tecnologia da Informação dos tribunais o respaldo necessário para a implementação dessa verdadeira revolução.

Entendemos que são muitas as vantagens da virtualização do Poder Judiciário: acesso instantâneo aos autos, de qualquer lugar do mundo, via Internet; agilidade na tramitação dos processos; e, por consequência, descongestionamento dos cartórios e dos tribunais. Poderemos ter, de certo modo, uma Justiça aberta 24 horas, 365 dias ao ano.

Será um mundo sem papel. No Judiciário, teremos que substituí-lo por atos processuais digitais, uma vez que todos os processos deverão ocorrer pelo sistema *on-line*.

Em São Paulo, foi inaugurado recentemente o primeiro fórum totalmente informatizado. O *Diário Oficial do Poder Judiciário* paulista, que existia há 77 anos em papel, não possui mais versão impressa. Agora, a publicação só poderá ser acessada via Internet. Com a iniciativa, o Tribunal de Justiça de São Paulo espera fazer uma economia de R\$ 5 milhões de reais por ano e 17 toneladas de papel por dia.

A Associação dos Advogados de São Paulo, entidade com 64 anos de existência e que congrega mais de 80 mil advogados, tornou-se uma autoridade de registro devidamente cadastrada na Infra-estrutura de Chaves Públicas do Brasil – ICP-BRASIL, e passou a oferecer aos seus associados, a um preço subsidiado, o documento fundamental para assinatura digital dos atos processuais por meio eletrônico: o certificado digital.

A partir do dia 1º de fevereiro de 2008, o serviço de peticionamento eletrônico com certificação digital será ampliado a todos os tipos de processo no Superior Tribunal de Justiça.

Contudo, o computador tem memória, mas não tem lembranças. A máquina jamais substituirá o homem, que é a verdadeira medida de todas as coisas.

ADVOCACIA CIDADÃ

Pessoalmente, não posso viver sem a arte da advocacia. Entretanto, nunca a coloquei acima de tudo.

A advocacia situada em um ambiente de cidadania é a advocacia do século XXI.

O verdadeiro advogado ou o operador do Direito deve, em sua arte, nos tempos atuais, mais do que nunca, assumir a dimensão social da profissão, através da defesa de uma jurisdição inclusiva. A cidadania, na Constituição, tem o valor de princípio e deve o aplicador do Direito efetivá-la.

A luta pelo direito, na modernidade, reclama pela prevalência dos valores *justiça, equidade, ética*, um compromisso permanente com a dignidade humana, através de uma interpretação e aplicação do Direito que levem em consideração tais paradigmas.

Considero uma obrigação moral do advogado — aliás, de todo cidadão — contribuir para construir uma sociedade melhor. E uma das maneiras de fazê-lo é a advocacia voluntária para os advogados. Até hoje, o Brasil não conseguiu reduzir o fosso social imenso

que separa uma grande maioria de pobres, ou melhor, de miseráveis, de uma pequena minoria de ricos.

Dedicar parte do tempo livre a uma instituição ou causa em que se acredita é uma maneira de contribuir para essa meta. Contribuir para um mundo melhor é um dever de todo cidadão.

HERANÇA JURÍDICA

Somos herdeiros de uma grande tradição jurídica e temos que honrar tal tradição. Tal como na descoberta, o Brasil também juridicamente se inaugura no Nordeste. Aqui, em Pernambuco, surgiu a Escola do Recife.

O Nordeste brasileiro deu berço a Tobias Barreto, grande jurista do Império; Rui Barbosa, jurisconsulto; Clóvis Bevilacqua, grande civilista; Pontes de Miranda, notável jurisconsulto; Aníbal Bruno, penalista; Evandro Lins e Silva, grande advogado criminalista; e Roberto Lyra, penalista-criminólogo, entre outros.

A PAIXÃO PELA ADVOCACIA

Anotamos do jurista Saulo Ramos, grande aprendiz do gigante que foi Vicente Ráo, amante da poesia, que decodifica sua história de vida no recém-lançado livro *Código da Vida*, o seguinte:

Advocacia foi meu sacerdócio, minha desgastante e suave obsessão. Irresistível é o fascínio de lutar pela defesa do direito de alguém. Salvar liberdades, honras, patrimônios de toda espécie, materiais e morais. Poder ajudar na cura de feridas abertas na alma dos injustiçados, pobres ou ricos.

E continua:

Mas, em mim, há um pouco de lirismo na paixão pela advocacia. Lidei com todos os códigos — penal, civil, de processos, de defesa do consumidor, até com o código de Hamurabi — e acabei tendo que lidar com o código da vida.

Podemos citar outros exemplos de advogados. O mitológico advogado norte-americano Clarence Darrow ou o francês Maurice Garçon, por exemplo.

Clarence Darrow, advogado que sempre foi uma grande referência no Direito Penal, disse uma vez: *O trabalho principal de um advogado de tribunal é fazer com que o júri goste de seu cliente.* Trata-se de uma verdade nos dias de hoje, como era na época em que ele pronunciou essas palavras, no final do século XIX. É preciso tentar trazer simpatia para a causa que se defende.

Caros formandos,

ser advogado é, antes de tudo, saber lidar com adversidades.

O ESCRITOR MAXIMIANO CAMPOS E O IMC

A vida é curta, mas a arte é longa.

Assim, vamos falar um pouco de Maximiano Campos, que neste ano completa dez anos de falecimento físico, e do Instituto que leva o seu nome, ambos homenageados hoje nesta colação de grau.

Maximiano era advogado, sendo procurador da Fundação Joaquim Nabuco, mas era essencialmente escritor.

Saudado em 1971 por Gilberto Freyre como futuro mestre na especialidade de conto, meu pai nasceu no Recife e começou a escrever muito cedo, desde os tempos do Colégio São João, onde fez os estudos secundários, e abriu-se o jovem Max para o mundo do conhecimento e da literatura. Com o passar do tempo, foi criando o seu círculo de amigos escritores em livro: Tolstoi, Kazantzákis, Hemingway, Ariano Suassuna, José Lins do Rego, Gilberto Freyre.

No final da década de sessenta, publica o seu primeiro romance, *Sem Lei nem Rei*, e na década de setenta o livro *As Emboscadas da Sorte*, juntamente com a novela *O Major Façanha*, no Rio de Janeiro, pela editora Arte Nova.

No início dos anos oitenta, publica pelas Edições Pirata *A Memória Revoltada*, em co-edição com a Civilização Brasileira.

Os títulos em circulação são: *Sem Lei nem Rei* (romance) (1), *As Emboscadas da Sorte* (contos) (2), *As Sentenças do Tempo* (contos) (3), *As Feras Mortas* (contos) (4), *A Loucura Imaginosa* (novela) (5), *O Major Façanha* (novela) (6), *A Memória Revoltada* (novela) (7), *O Lavrador do Tempo* (poesia) (8), *Cartas aos Amigos* (epistolografia) (9), *Do Amor e Outras Loucuras* (poesia) (10), *Os Cassacos* (novela) (11), *Na Estrada* (contos) (12), este último reunindo uma seleta de contos, e *A Multidão Solitária* (novela) (13), livro que foi publicado postumamente.

Há duas maneiras, entre várias, de um pai marcar o destino de seus filhos: uma delas é a banalidade da repressão, a outra é o exemplo da dignidade e da retidão. Há duas maneiras, entre outras, de um escritor inscrever-se na História: uma delas é a adesão ao modismo e a concessão ao mercado, a outra é a preservação do humanismo e do rigor no exercício da expressão literária. Em um tempo de vulgaridade artística que confunde talento com mercadoria, são poucos os que, como meu pai, Maximiano, preservaram, na ficção e na poesia, a sua visão humanista primordial e reta, através da qual desenhou a sua vida.

Maximiano nunca transigiu com os seus valores fundamentais.

Aristóteles, o filósofo, nos conta que:

Havia um homem em Argos que acreditava em sonhos, e era tido como louco. Os médicos que o curaram de sua loucura conseguiram assassinar os seus sonhos.

Todo grande artista ou empreendedor é, antes de tudo, um sonhador e visionário. É dele o poema *Apelo ao Quixote*:

*Não deixes que a tua
armadura enferruje.
Principalmente no peito,
que é perto do coração.*

*Segura a espada,
larga o escudo,
pois medo não é proteção.
Permite que o sol bata na poeira
e o vento leve o sujo
do aço que te cobre.*

*Na loucura, só na loucura,
estarás liberto. O teu mito
é sol, liberdade e céu aberto.*

O Instituto Maximiano Campos – IMC, é uma instituição de foco literário voltada para o resgate e a divulgação da obra de Maximiano Campos. Vem também apoiando diversas iniciativas culturais ligadas à literatura brasileira, tendo sido fundado em 2002. Destacamos, no ano passado, entre as suas atividades, a curadoria e organização da *Feira Literária Internacional de Porto de Galinhas – FLIPORTO*, que é uma das quatro maiores feiras literárias do Brasil. Faremos, em novembro, a FLIPORTO/2008 com o tema *Trilhas da Diáspora: Literatura em África e América Latina*.

FECHO

Caros formandos,

Sou um realista esperançoso. O pessimista já parte derrotado, e, com o otimista, o máximo que pode acontecer é ele conseguir o seu intento.

Assim, venho citar o professor e advogado Syleno Ribeiro de Paiva, meu padrinho de crisma, em discurso de paraninfo dos concluintes de 1968 da Faculdade de Direito do Recife, que nos traz a seguinte reflexão:

Ajudem a restaurar na angustiada condição humana a crença na Justiça. E que a Justiça venha a ser para você e para todos nós [...] algo essencial à

vida, como o pão e a água que diariamente a todos alimentam [...] E que, em consequência, a Justiça exista [...]: como a luz, como a sombra, como o mar, como os rios, como tudo aquilo que, sendo dádiva de Deus, não pode desaparecer [...]

Jamais perdi a esperança. E pergunto: vocês acreditam em sonhos?

Para Monteiro Lobato,

Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem faz no mundo teve início de outra maneira — mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.

Aqui certamente concretizou-se um sonho com essa formatura, e outros sonhos surgem e são despertados com a experiência profissional que se avizinha.

Nunca desistam dos seus sonhos. O homem é do tamanho dos seus sonhos.

Muito obrigado pela atenção e que Deus abençoe a todos vocês.

(Discurso para os formandos em Direito,
da Faculdade Barros Melo, em janeiro de 2008)



No início era a poesia, e tudo acaba em livro

Um país se faz com homens e livros.

Monteiro Lobato

Tudo que no mundo existe começa e acaba em livro.

Edson Nery da Fonseca

A PAIXÃO PELOS LIVROS

A Maximiano Campos, que me ensinou o amor aos livros

No mês de abril, que inaugura a primavera, comemora-se o Dia Internacional do Livro e do Direito Autoral (23 de abril), data oficializada pela Unesco em 1995. A Espanha, desde 1926, já celebrava o livro na data da morte de Shakespeare e Cervantes. Na região espanhola da Catalunha, é o dia de São Jorge, da rosa e do livro: o dia do padroeiro, do amor e da cultura. As mulheres recebem flores dos homens e retribuem, presenteando com livros.

O escritor Jorge Luis Borges escreveu:

Dos instrumentos do homem, o livro é, sem dúvida, o mais assombroso. Os demais são extensões do corpo. O microscópio, o telescópio são extensões da sua vista; o telefone é a extensão da sua voz; depois temos o arado e a espada, extensões do seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é extensão da memória e da imaginação.

A boa leitura é uma experiência mágica. Nos livros, conhecemos santos, reis, filósofos e homens comuns. Podemos saber o que disseram Jesus Cristo, na Palestina, e Gautama, Buda, na Índia.

Em magistral palestra na atual Biblioteca de Alexandria, no Egito, Umberto Eco, o renomado autor de *O Nome da Rosa*, defende que a expansão da Internet não ameaça a existência dos livros e que nós temos três tipos de memória:

O primeiro é orgânico, que é a memória feita de carne e de sangue e administrada pelo nosso cérebro. O segundo é mineral, e, nesse sentido, a humanidade conheceu dois tipos de memória mineral: milênios atrás, foi essa a memória representada por tijolos de argila e por obeliscos, muito conhecidos neste país, nos quais as pessoas entalhavam seus textos. Porém esse segundo tipo é também a memória eletrônica dos computadores de hoje, que têm por base o silício. Conhecemos também outro tipo de memória, a memória vegetal, representada pelos primeiros papiros, de novo muito conhecidos neste país, e posteriormente pelos livros, feitos de papel. [...] Este local foi, no passado, e será, no futuro, dedicado à conservação de livros; portanto é e será um templo da memória vegetal. As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar o nosso saber coletivo. [...] Se me permitirem usar essa metáfora, uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo.

O livro já foi oral. A *Ilíada*, a *Odisséia*, *As Mil e Uma Noites* foram histórias orais, que vieram a ser retidas em páginas manuscritas ante o medo que as vozes se perdessem nos ventos do tempo. A memória da escrita mostra os escritos em obeliscos e em tijolos de argila. Escritos em papiros até a invenção da imprensa por Gutenberg e a impressão das suas primeiras bíblias, que remontam a 1474, com a criação do livro como memória vegetal.

O livro não vai acabar, apenas a sua formatação é que vai se adequar aos novos tempos. Ao lado do livro impresso, certamente teremos o livro virtual, pois a Internet já é a maior biblioteca do mundo. Recentemente, a Sony lançou o *e-reader*. Depois do *e-mail* que nunca está cheio (o Gmail) e do Orkut, o último projeto do Google é a ferramenta Google Book Search (<http://books>).

google.com), inaugurada em novembro de 2005. O Book Search vai digitalizar 16 milhões de livros em dez anos e disponibilizar gratuitamente seu conteúdo integral, ou em partes, caso receba autorização dos detentores dos direitos autorais, para os cerca de 350 milhões de internautas. A empresa lucrará com a veiculação de anúncios na sua página. Apesar de a Internet já contar com serviços de biblioteca virtual, o projeto do Google chama a atenção por suas ambições e dimensão. O livro mais buscado pelo Google Book Search é *Dom Quixote*, em espanhol, e não uma obra em inglês. O Google Book ainda não foi lançado em português, mas tal lançamento está nos planos do *buscador*.

Em qualquer uma de suas formas, o livro não foi só uma celebração do conhecimento e registro da memória da espécie humana, mas uma celebração da vida.

O bibliófilo José Mindlin cita um exemplo sobre o livro como fetiche em entrevista que concedeu, no Recife, em agosto de 2005:

Na última vez que Borges veio ao Brasil, nos anos 80, ele já estava cego e ainda assim queria a primeira edição de Os Sertões. Como eu tinha mais de um exemplar, dei um deles para Borges. Ele não queria o livro para ler, Borges não podia mais fazer isso. Borges queria tocar nele, pegar, sentir o livro. Era o seu fetiche.

Para mim José Mindlin nunca será um Peter Kien, que é o personagem do livro *Auto-de-fé*, de Elias Canetti, para quem a vida se abria da porta para o interior de sua biblioteca. Homem de sensibilidade, ele, antes de tudo, é um leitor e se sente mais um depositário do que um proprietário.

Sempre haverá alguém que prefira o livro como memória vegetal. Ou melhor, que escolha alcançar dessa maneira a intimidade com um autor, por meio das páginas que vão cobrando a vida enquanto se abrem. Sempre haverá alguém que vai querer voltar a um livro só

na edição em que o conheceu pela primeira vez, às dedicatórias, recordações e aos passados que ficaram unidos a esse objeto.

O documentalista Edson Nery da Fonseca afirma, parafraseando Mallarmé, que *tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro*. E se é assim:

se tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro — ou em documento, ou em informação, ou em dado —, é evidente que tudo acaba em arquivo, biblioteca, serviço de documentação e/ou banco de dados.

Ler é um ato de desapego em relação ao mundo exterior, e graças aos livros podemos ter os sábios da humanidade como amigos e conselheiros. Alguém já disse que qualquer livro é apenas um instrumento para encontrarmos a verdade por nós mesmos. O escritor Franz Kafka afirmou que *um livro deve ser o machado que partirá os mares congelados dentro de nossa alma*.

À parte as comemorações, precisamos combater uma grande fome do livro no Brasil. A leitura e o acesso ao livro são direitos básicos do cidadão.

Dados da Câmara Brasileira do Livro – CBL, demonstram que apenas 26 milhões dos 170 milhões de habitantes lêem pelo menos um livro a cada três meses. E, pior, 61% dos adultos alfabetizados têm pouco ou nenhum contato com livros.

Como se vê, a exclusão cultural e da leitura é uma realidade, infelizmente, em nosso país. O livro é uma espécie de chave que abre a porta e dá acesso aos direitos sociais básicos para transformar um indivíduo em cidadão.

A leitura de um livro não pode parecer uma obrigação, mas deve ser um ato de prazer ou de paixão. Um livro tem que ser uma forma de felicidade, no dizer de Borges.

Todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra é um instrumento que lhe permite discernir o que, sem ele, não teria visto em si. (Marcel Proust)

O livro atravessou eras de guerras e perseguições, sobreviveu e, mais ainda, saiu fortalecido. Nesta época de contradições e incertezas, a cultura e o livro são as armas para se manterem os valores básicos do homem acima dos conflitos econômicos e de credo.

Desejamos contribuir para que o amor pelos livros seja disseminado em nosso país, o qual ainda precisa conquistar para seu povo o acesso ao livro. Queremos contagiar o maior número possível de pessoas ou, no dizer de José Mindlin, inoculá-las com essa espécie de loucura mansa que é a paixão pelos livros.

O livro é uma forma de resistência e reexistência numa globalização que só trouxe mais exclusão social e aumentou os muros entre os homens.

*Na oração falamos com Deus,
na boa leitura é Deus quem nos fala.*

São Jerônimo

○ POEMA COMO ORAÇÃO

A Edson Nery da Fonseca

O grande poema é uma oração. Uma vez conversando com o escritor e documentalista Edson Nery da Fonseca, ele me falou que orava a Deus através de alguns poemas prediletos e não necessariamente por versos bíblicos. Aquilo nunca saiu da minha memória. Dentre outros versos, ele recitou o poema *Encontro*, de Deolindo Tavares:

Vou me encontrar com Cristo/a uma e meia da manhã./Por que, então, neste momento/não me cega a estrela das grandes vigílias?/Preciso mais do que nunca estar desperto/e sinto que adormeço sobre finíssimas lâminas de ouro.

Manuel Bandeira assim começa um poema-oração: *Nossa Senhora, me dê paciência/para estes mares, para esta vida.*

Em outra ocasião, iniciei uma conversa com o escritor e crítico Gilberto Mendonça Teles sobre o poema como oração. Ele disse que, na véspera, tinha realizado uma conferência sobre poesia e misticismo e me presenteou com o seu livro *Hora Aberta*, cuja epígrafe é a seguinte:

*No sertão, hora das miragens, do falso fumaceiro nos capoeirões, denunciando um fogo inexistente. Trote de comboio, obrigando o viajante a volver-se para identificar invisíveis caminantes [...]. Mas é a hora poderosa para as orações. (Luis da Câmara Cascudo, *Religião do Povo*, 1974)*

Gostaria de fazer uma reflexão sobre a palavra *poética*, sua força ancorada na miríade de portos de beleza que resgata o homem seqüestrado pela multidão de ilusões que o confundem e o diminuem. E diminuir o homem foi a exagerada medida do século xx.

No turbilhão da violência globalizada, das mudanças vertiginosas, de acontecimentos funestos como o do 11 de setembro americano, da guerra entre árabes e judeus, dos atentados na Inglaterra e na Espanha, a palavra *poética* é porto seguro, morada sagrada do homem, desde Homero. Ela toma o partido da humanidade, insere-se de corpo, alma e palavra na ideologia do homem.

Quase todas as nações, observa Voltaire, têm tido poetas antes que tivessem alguma outra sorte de escritores. *Homero floresceu antes que aparecesse um historiador. Os cânticos de Moisés são os mais antigos monumentos dos hebreus*, comenta Antônio Joaquim de Mello, em *Biografias de Alguns Poetas e Homens Ilustres da Província de Pernambuco*, de 1856.

Convidar os poetas a mostrarem caminhos é uma necessidade de nosso tempo. A poesia procura interpretar os sonhos da humanidade e indicar possíveis caminhos. A ciência que pretendeu responder a todas as questões, hoje, não consegue dizer onde estamos e para onde vamos.

Um belo poema sempre leva a Deus, tecendo o livro da vida como se fosse uma oração.

Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado
Cega com outra luz a luz do dia
Desassossega o mundo sossegado
Ensina a cada alma a sua rebeldia.

Miguel Torga

PABLO NERUDA

A Lucila Nogueira

No dia 12 de julho de 1904, nascia Pablo Neruda, poeta, diplomata e Prêmio Nobel de Literatura de 1971, autor de *Confesso que Vivi*. Morreu em setembro de 1973, e seus restos mortais estão em Isla Negra, sepultados em chão da América, que tanto amou e cantou em seus versos. A música do mar, os pássaros, as árvores são sua companhia. Em Isla Negra, sua residência mais permanente, ele e sua companheira, Matilde, sonharam e se amaram até regressarem às misteriosas origens da criação. Fez-se a sua vontade:

Companheiros, enterrem-me na Isla Negra, defronte do mar que conheço, de cada área rugosa de pedras e de ondas que meus olhos perdidos não voltarão a ver. [...] todas as chaves úmidas da terra marinha conhecem cada estado de minha alegria, sabem que ali quero dormir entre as pálpebras do mar e da terra [...]

Era grande a sua paixão pelo mar, embora os Andes tivessem cativo endereço em seu coração:

Quando estive pela primeira vez defronte do oceano, me enchi de assombro. Ali entre dois grandes montes (o Huique e o Maule), se desatava a fúria do grande mar. Não eram somente as imensas ondas nevadas que se levantavam a muitos metros sobre nossas cabeças, mas um estrondo de coração colossal, a palpitação do universo.

Entre as comemorações do seu centenário, em 2004, foi lançado o livro *Neruda por Skármeta*, de Antonio Skármeta, autor da novela

El Cartero de Neruda, que inspirou o filme *O Carteiro e o Poeta*. É um livro interessante para compreender o universo nerudiano.

Confesso que Vivi, o relato autobiográfico, poderia se chamar *Confesso que Viajei*, ante o relato de diversas viagens. Em *O Canto Geral*, cantou as lutas de libertação dos povos latino-americanos. *Os Versos do Capitão* é uma ode ao amor. No poema 20, do livro *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, ele diz: *como é tão breve o amor, tão longo o esquecimento*. Em outro poema fala: *para meu coração basta o teu peito/para que sejam livres as minhas asas*.

Neruda foi um poeta universal, que fez de seus poemas uma forma de resistência e reexistência do ser humano, e nos traz a mensagem que diz: enquanto houver poesia e homens capazes de sonhar, ainda haverá esperança.

IV

Moldura de minha vida

MAXIMIANO CAMPOS:
O HUMANISTA E O ESCRITOR

A literatura tem sido, ao longo da História, o painel por onde passam a utopia e a decepção da condição humana. Desde a angústia existencial, o sonho e a paixão de cada um, até a grande tentativa de liberdade cívica e paz social, a criação literária vem registrando perguntas e respostas para as grandes questões da vida. Na verdade, ela tem sido sempre, em seus vários gêneros, o testemunho e a vontade na busca imaginosa de um mundo melhor. Embora algumas linhas da produção literária não sejam às vezes passíveis de serem caracterizadas como edificantes, pelo seu pacto com a transgressão, de um modo geral o resultado da palavra artística é sempre humanista, no sentido de que a pessoa não é o meio, mas o fim, o valor em si mesmo.

Em discurso sobre a dignidade do homem, Pico de la Mirandola declarou:

*Dizem os escritos dos árabes, venerandos padres,
que, interrogado Abdala Sarraceno sobre qual fosse
aos seus olhos o espetáculo mais maravilhoso neste
cenário do mundo, tinha respondido que nada havia
de mais admirável do que o homem!*

Um escritor humanista sabe que a literatura não é apenas o desenvolvimento de certas qualidades da linguagem, mas sobretudo aquilo que obedece à sua paixão e ao seu sonho. O realismo humanista vê no homem, além da convergência de fatores sociais e ideológicos, a sua dignidade de pessoa, ideais éticos, a lenda, o

mito, o imaginário — tudo o que é humano. Ele não rechaça a herança do romantismo nem a conquista formal do modernismo, mas luta pela concretização das grandes aspirações humanas, reafirmando os seus valores eternos.

Em diálogo com um de seus editores, Saramago afirmou que:

ao romance e ao romancista não restava mais que regressar às três ou quatro grandes questões humanas, talvez só duas, vida e morte, tentar saber já nem sequer donde viemos e para onde vamos, mas simplesmente quem somos,

o que leva à conclusão de Alípio Maia e Castro de que esse escritor português, muito mais do que ser contador de histórias, quer *ler* o que há *dentro* do homem, desse homem encurralado por um uso irracional da razão. Porque o homem não se limita ao conhecimento: ele é um ser dotado de vontade e nele palpita algo de imaterial, mas que é real. Saramago defende a bondade como o princípio básico de uma relação autenticamente humana e acrescenta: *somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos*. A propósito da ocasião do falecimento de um amigo que vivia sempre irradiando amizade, ele escreveu: *o homem bom é, no fim das contas, a única coisa que vale a pena ter sido*. Essa é uma declaração a favor da ética humanística, que implica na idéia de respeito ao homem. A nossa época, segundo Saramago, sofre de uma *anestesia do espírito que faz da ausência de valores o valor e da hipocrisia pública e privada uma regra*. A ética que ele propõe diz sinceramente que os gritos do mundo chegaram enfim aos ouvidos dos escritores, diante do monstruoso compromisso social com o dinheiro e o poder, assim como a obsessão formalista da escrita, pois o mundo também espera que os escritores não se esqueçam de ser cidadãos de vez em quando: *há um momento em que compreendemos que todo fingimento é infame*, o que revela sua indignação diante da hipocrisia, a qual não deve se confundir com o mistério inerente à vida íntima e secreta do escritor.

Como encontrar a paz mental necessária para escrever, indagou Naguib Mahfouz, Prêmio Nobel de Literatura em 1988:

Sim, como pode um homem procedente do Terceiro Mundo encontrar a paz mental para escrever histórias [...] e, exatamente como os cientistas se esforçam para limpar o meio ambiente da contaminação industrial, os intelectuais devem se esforçar para limpar a humanidade da contaminação moral.

Para acreditar em Dostoiévski, quando diz que *a beleza salvará o mundo*, devemos ter na memória Joseph Brodsky, segundo o qual a arte é uma arma que não volta atrás: a literatura está adiante do progresso e antecipa a história, cujo instrumento principal é o clichê; cada nova realidade estética faz com que a realidade ética do homem seja mais precisa. As colunas em que se apóiam a literatura são habitualmente a estética e a ética: se a primeira exige vigilância e um mínimo de qualidade de expressão, a segunda diz respeito ao pensamento, à dignidade, à liberdade.

Ser ou escrever? Haveria uma maneira de alcançar uma maior compreensão do ser senão através da arte? Podemos considerar de fato a literatura, ao modo de Anthony Burgess, como a *exploração estética do mundo*? Jorge Luis Borges disse uma vez que escrevia para os amigos e para passar o tempo. A palavra é o homem, a palavra está com o homem: conforme T. S. Eliot, quando um poeta fala a seu povo, as vozes de outros criadores em outras línguas que tenham tido influência nele também estão falando.

Caros companheiros, amigos e leitores de Maximiano,

Saudado em 1971 por Gilberto Freyre como futuro mestre na especialidade do conto, meu pai nasceu no Recife e começou a escrever muito cedo, desde os tempos do Colégio São João, onde fez os estudos secundários e abriu-se o jovem Max para o mundo do conhecimento e da literatura. Com o passar do tempo, foi criando o seu círculo de amigos escritores em livro: Tolstoi, Kazantzákis, Hemingway, Ariano Suassuna, José Lins do Rego,

Gilberto Freyre. No final da década de sessenta, publica o seu primeiro romance *Sem Lei nem Rei*, e na década de setenta o livro *As Emboscadas da Sorte*, juntamente com a novela *O Major Façanha*, no Rio de Janeiro, pela editora Arte Nova. No início dos anos oitenta, publica pelas Edições Pirata *A Memória Revoltada*, em co-edição com a Civilização Brasileira. Ao todo são doze os títulos em circulação: *Sem Lei nem Rei* (romance), *As Emboscadas da Sorte* (contos), *As Sentenças do Tempo* (contos), *As Feras Mortas* (contos), *A Loucura Imaginosa* (novela), *O Major Façanha* (novela), *A Memória Revoltada* (novela), *O Lavrador do Tempo* (poesia), *Cartas aos Amigos* (epistolografia), *Do Amor e Outras Loucuras* (poesia), *Os Cassacos* (novela), *Na Estrada* (contos), este último reunindo toda a sua obra em contos.

Considero uma das linhas de força da obra de meu pai a sua formação e postura humanista.

A celebração do ser humano atravessa muitas pontes em direção a vários mundos e cosmovisões, porque o homem é um ser natural, espiritual e consciente. O humanista secular, mais racionalista, é geralmente associado a cientistas e acadêmicos comprometidos com a ética e a dignidade do ser humano: agnósticos, recusam explicações transcendentais; o humanista marxista diverge do materialismo dialético de Hegel e se baseia nos manuscritos da juventude de Marx, que dá destaque à questão da consciência. Essa linha de pensamento surgiu no século XIV para renovar o padrão tradicional dos estudos nas universidades medievais, voltados para a Teologia, a Medicina e o Direito, transmitindo uma concepção estática e hierárquica da sociedade. O humanismo atualizou os estudos tradicionais incluindo a poesia, a filosofia, a história, a matemática, a eloquência, o domínio das línguas clássicas e, posteriormente, o árabe, o hebraico e o aramaico: estudavam-se autores da Antiguidade clássica, excluindo os textos medievais; considerava-se mais perfeita a cultura desenvolvida no paganismo, exaltava-se o indivíduo, definindo assim o antropocentrismo.

Sofreram perseguições: Dante e Maquiavel, que foram exilados; Campanella e Galileu, presos e torturados; Thomas Morus, por

ordem de Henrique VIII, decapitado; Giordano Bruno, condenado à fogueira. Michelangelo terminou seus dias doente e solitário, mas não colocou os véus sugeridos pelo papa sobre os corpos nus que na Capela Sistina havia pintado. Essa atmosfera faria surgir a figura de Erasmo, autor de *O Elogio da Loucura*, e Thomas Morus, autor da *Utopia* (1516), que iria inspirar a *Cidade do Sol*, de Campanella, e *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon: comunidades sem conflitos onde as pessoas compactuam uma sociedade feliz. Petrarca e Boccaccio deram seqüência à poesia de Dante, no que ela tem de moderno.

A literatura e o humanismo do século XIV ocupam um papel de destaque no processo de renovação cultural que agitava a Europa; ele atravessa o século XVI em Portugal, na Espanha e na França e termina na Inglaterra no século XVII. Depois encontraremos Luís de Camões e o seu poema épico *Os Lusíadas* (1572) e, mais adiante, o dramaturgo William Shakespeare (1564–1618) a colocar dúvidas em suas peças trágicas sobre a eficácia da racionalidade. De modo que é importante verificar uma linha evolutiva na tarefa de colocar o homem no centro do valor e do conhecimento: daí considerar-se a diferença existente entre o humanismo grego de Sócrates, o humanismo medieval de Agostinho, o humanismo renascentista de Descartes, o humanismo esclarecido de Kant, o humanismo iluminista dos enciclopedistas franceses, o humanismo teológico de Teilhard de Chardin do humanismo materialista de Marx, do humanismo existencialista primordial de Kierkegaard, do humanismo pós-moderno de Heidegger e Sartre.

Caros companheiros, amigos e leitores de Maximiano,

olhemos ao redor e nos reconhecamos entre nós. A alucinação do Quixote é estar cinco degraus acima do senso comum. É ter em seu interior imagens e personagens povoando a cotidiana solidão. Olhemos ao redor: como são os escritores tão fortes e frágeis em sua enorme capacidade de se emocionar, de imaginar, de pressentir. Olhemos ao redor: trata-se de uma linhagem que atravessa

geografias e tempos históricos, trata-se de mundos particulares encerrados desde a infância em arcas do sótão ou do porão, trata-se de trapezistas dando a volta sobre si mesmos no circo iluminado, de onde todos já se foram, indiferentes. Olhemos ao redor: seu riso desesperado, pela falta de diálogo, essa enorme galeria de sensitivos a que se chama *história da literatura*. A essa sucessão de rostos eternizados pelo sofrimento universal diante da injustiça e da irracionalidade humana.

Olhemos ao redor: este é um encontro com Maximiano. Através do depoimento de seus amigos, uma maneira de tê-lo entre nós, através das imagens daqueles que, à sua maneira, conheceram cada recanto de seu verbo, do seu silêncio, do seu coração.

Peço licença para encerrar evocando suas palavras:

Meu amigo, a realidade nem sempre é a verdade [...] eu sou o que sonho e aqui, nesta sala, o meu sonho anda solto, fera liberta, desembestada em descampos sem cerca nem dono. Esse vai ser o meu castelo, nele vou colocar o mundo verdadeiro, o descompromissado com as etiquetas, os horários, as convivências interesseiras. É assim mesmo: a realidade quis me fazer medo. O tempo quis e quer acabar comigo. Sei que há dois grandes circos armados por Deus: o da vida e o da morte. O danado, mesmo, é o preço que se paga para tomar parte no espetáculo. Os que têm fé afirmam que o circo da morte é limpo e asseado. Mas ninguém, ainda, conseguiu sair dele e voltar para contar aos que estão no circo da vida como é o espetáculo. Pode até ser o silêncio. Não sei por que, mas acho que o tempo é um palhaço maldoso e meio sem graça. E a realidade é uma velha atriz cansada, com uma maquilagem agressiva e a mania de dar más notícias. E a nossa atuação nisso tudo? Nisso tudo não, no circo da vida. Obrigam a gente a entrar na jaula do leão, dar saltos

mortais, aplaudir o palhaço, ser o palhaço, e tudo isso sem repouso, mudando sempre de lugares. Pois bem, não saio desta sala[...] a realidade não vale grande coisa[...] a realidade é o que estou conversando com você, os móveis que você está vendo ao meu redor, a hora que o seu relógio está marcando, as minhas feições, o timbre da minha voz. Mas o meu sonho você desconhece[...] O meu sonho? Olhe, para pessoas feito você, que vivem a fazer perguntas e indagações, os sonhos são feras mortas. As explicações, às vezes, matam. Mas você não vai matar os meus sonhos. As minhas feras estão vivas e libertas, correndo nos descampos ensolarados da imaginação. Sei que, um dia, os meus sonhos serão feras mortas. Mas eu carregarei comigo essas feras até que o tempo coloque cercas nos descampos e apague todas as lembranças. Um homem vale o que valem as suas feras... O meu sonho agora está liberto, e o meu silêncio me apazigua. O meu silêncio, essa fera de estimação[...] E o meu silêncio? Ah, está solto no sonho, nesse descampo ensolarado, nessa imensidão das impossibilidades conquistadas porque imaginadas. A conversa pára aqui. Mas, na verdade, ela continua, e as feras viram rebanhos, o tempo acovardado vai fugir. O tempo é um covarde, foge sempre, arrastando a mocidade. Estou sonhando, por isso me calo. Os pensamentos partem na imaginação rumo ao outro circo. Vou entrar lá, vou entrar naquele circo, no outro, onde os espetáculos não devem ter tristes intervalos. O intervalo, o último, é agora, pronto, já estou prestes a ultrapassá-lo. Depois, talvez meus amigos entendam que não quis ofendê-los, é que o outro circo estava abrindo para mim as suas portas. E a morte é a única certeza que pode trazer alguma novidade.

A novidade de hoje é esta festa, caros companheiros, amigos e leitores de Maximiano. Em homenagem a todos, faço a leitura do poema escrito pelo meu pai há quarenta anos:

*Sem lei nem rei, fiz
uma opção danada: tudo ou nada.
Terra firme ou mar profundo,
dia claro ou noite alta.*

*Sem lei nem rei, teci
minha própria armadura,
da solidão fiz moradia,
da liberdade fiz procura.*

*Sem lei nem rei, do aço
desse chão e da luz do sol,
fiz duas esporas para fazer
correr o meu destino vão.*

*Sem lei nem rei, sem ofício
e sem profissão, finquei raízes
nesse chão. Canto quando quero,
e se o meu canto não escutam,
não paro nem desespero.*

*Sem lei nem rei, nada tenho,
mas sei o que quero. Desejo cantar
a minha terra, suas cores fortes,
o seu verão. Plantar-me nesse chão.*

*Sem lei nem rei, corto
as esporas a vida que galopa*

*seguro pelas rédeas a solidão
quando sufoca.*

*Sem lei nem rei, sei
que para quem luta não há derrota,
há apenas a morte ou a vitória.*

(Discurso proferido no lançamento do vídeo *Sem Lei nem Rei – Maximiano Campos*, de Marcelo Peixoto, em 16 de abril de 2007, no Instituto Cultural Lula Cardoso Ayres)

**TRINTA ANOS SEM
RENATO CARNEIRO CAMPOS**

Faz trinta anos que desapareceu do nosso convívio o escritor e sociólogo, meu tio, Renato Carneiro Campos. Professor de Literatura no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, também se dedicou ao estudo do folclore, publicando os títulos *Folhetos Populares na Zona dos Engenhos de Pernambuco* e *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Bacharelado pela Faculdade de Direito do Recife, estudou Sociologia em Paris e foi, durante muitos anos, diretor do Departamento de Sociologia da Fundação Joaquim Nabuco, à época chamado Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Colaborador do jornal *Diário de Pernambuco*, escreveu, de 1969 a 1977, crônicas aos domingos que o notabilizaram tanto no setor especificamente cultural como nos vários segmentos da comunidade pernambucana.

A sua pessoa não estava em plano separado do seu papel intelectual: tinha com a vida um pacto de sinceridade, que o teórico francês Philippe Lejeune haveria de chamar *pacto autobiográfico*, ao discorrer sobre a relação direta que existe entre a obra e o homem. Apaixonado por tudo o que fazia, tanto as suas crônicas como a sua palavra oral serviam de paradigma da força do estilo e da ética no cenário cultural pernambucano. Comunicava-se com intensidade, tanto com os leitores como com os amigos, e representava o papel de verdadeiro guru das gerações mais jovens, com seu caráter vibrante, mágico, sonhador e sempre bem-humorado. Valorizava extremamente o Recife, de onde nunca

desejou sair na busca de qualquer fama ou reconhecimento literário ou científico. Meu pai, seu irmão, Maximiano Campos, lembrando o filósofo espanhol Unamuno, afirmou, referindo-se a Renato, que *há livros que se assemelham a homens e homens que se assemelham a livros*; daí podermos dizer o quanto é forte a presença do homem nas crônicas do escritor, hoje homenageado, caracterizados ambos pela coragem, pela generosidade, pelo amor aos amigos, à família, ao Recife. Pela paixão por Dostoiévski, Tolstoi, Eça de Queiroz, Machado de Assis. Pela solidariedade aos humilhados e ofendidos de todas as épocas, pela busca da liberdade e da justiça.

Trinta anos sem Renato Carneiro Campos: sem o menino de engenho que, ao modo de Sartre, colocou-se contra a sua própria classe de origem, ficando ao lado do povo como escritor e cientista social. Do menino de engenho que gostava dos prazeres da vida com amigos das profissões mais diferentes; na voz ainda de Maximiano Campos:

um Renato afirmativo, sem contemporizar com os falsos, os prepotentes, os medíocres, um rebelado contra as injustiças e as vulgaridades tantas vezes acobertadas pelo poder ou pela celebridade... ele nem cortejava dirigentes e poderosos nem sentia necessidade de por eles ser cortejado: morreu sem condecorações, com a lapela limpa, mas dava muito valor à estima dos amigos e quase nenhuma importância aos títulos honoríficos, aos cargos, aos quais nunca perseguiu e muito menos fez deles meta da sua vida.

Destaca finalmente o saudoso ficcionista pernambucano não se tratar o seu irmão Renato:

desses intelectuais que querem se afirmar a todo custo, atacando ou elogiando sistemática e interesseiramente, escravos da bajulação ou do ódio; herdeiro do ensaio de Montaigne, a sua ironia na crítica de costumes ridiculariza personagens como: o

adesista, o novo-rico, o intrigante, o literato, a grã-fina, a mal-amada, o recalçado, o xeleléu, o fofoqueiro, além de outras temáticas como a ingrati-dão, a angústia, a coragem, o ridículo; na era desses burocratas da literatura, organizadores do próprio sucesso, que se esquecem da vida, criou o lugar ideal, uma espécie de Pasárgada: Tampico.

Nas palavras de sua filha, minha prima Vanja Carneiro Campos:

sua produção científica e literária teve como grande mote a vida: exigiu que o privilégio do saber transpusesse as ambiências dos claustros, dos laboratórios, das cátedras, para alcançá-la [...] não buscava apenas nos clones da sua imaginação ou nos livros; nada foi produzido por vaidade pessoal, medido ou premeditado [...] Renato foi um leitor exigente, refinado e crítico [...] quis mais ser personagem do que autor; quis mais ser amado do que entendido.

Em 1987, na aposição de seu retrato no Espaço Cultural Renato Carneiro Campos do Instituto Brasileiro de Amizade e Solidariedade aos Pobres, disse Paulo Cavalcanti:

aqui o retrato de Renato Carneiro Campos está em casa; aqui é o lar dos seus sentimentos de cidadão do mundo; o panteão de suas afirmações de democrata, ensaísta, antropólogo, etnógrafo, sociólogo, crítico de arte e sobretudo cronista do cotidiano. Renato punha em tudo que escrevia a força do seu talento, sua verve e sua ironia, o comentário mordaz de suas observações, o julgamento da vida [...] vibrante e agitado, soube apreender a fugacidade, o instantâneo do atual, imprimindo a cada frase e a cada gesto a marca do seu sentimento e da sua paixão [...] amei Renato Carneiro Campos, no tumulto

de suas emoções, na vívida demonstração do seu respeito pelo povo.

O pintor João Câmara, em homenagem prestada pelos Conselhos Municipal e Estadual de Cultura, em 1997, destacou em Renato *o recifense exagerado e sanguíneo, que amou esta cidade aos gritos, mas também com enlevo e romantismo*. Nesse mesmo ano, o poeta Marcus Accioly chamou a atenção para o fato de encontrar-se sempre com Renato tanto nos lugares possíveis como impossíveis do Recife e lembrou o seu questionamento sobre a vanguarda e a tradição, o popular e o erudito, acrescentando que:

remontava aos antigos senhores e meninos de engenho a sua bravura moral e física, sua coragem de dizer as coisas de cara e, paradoxalmente, seu desarmamento ao reconhecer os erros cometidos.

O poeta também ressalta a falta que ele faz até hoje como escritor, como cronista desta cidade:

como cronista, Renato era um poeta — Tampico não era a Pasárgada de Bandeira, era Tampico mesmo; tampouco Renato era amigo do rei de Tampico: Renato era o próprio rei de Tampico; Tampico era a sua utopia, o seu lugar sem lugar, seu não-lugar, lugar de nenhum lugar, lugar de lugar nenhum [...] feliz é o poeta que encontrou, conheceu e teve uma palavra de Renato: ele era uma espécie desses mestres budistas que, à pergunta do aluno, podem responder com o silêncio ou com uma bofetada — o seu lema seria: descubra você mesmo a resposta.

As palavras de Renato, as frases de Renato, são na verdade versos na memória do povo. Gostaria de evocar algumas delas. Emocionalmente verificar e demonstrar o quanto está ele presente em nossa memória, em nosso cotidiano, em nossa alma. Renato Carneiro Campos com a palavra:

As palavras necessárias que não dissemos ao amigo que se suicidou [...] abram-se as grades das gargantas para a saudade de uma época [...] o valor dos caminhos da volta, mesmo que seja tarde e ouçam o coro de never more [...] tenha calma, muita calma: desencontros serão transformados em permanentes e intensos encontros [...] virá o tempo em que as farmácias se transformarão em casas de chá [...] o grande artista jamais poderá ser devidamente julgado por seus contemporâneos [...] ensinava Dostoiévski que é necessário o escritor ser de sua época para pertencer também a todas as épocas [...] Recife: as minhas ruindades e talvez as minhas bondades, as minhas tristezas e talvez as minhas poucas alegrias, palco, arena, dormitório, janela para o mundo, o vício de ficar [...] solidão do gesto abrindo o envelope de barbitúrico, de pegar no telefone para conversar besteira, das palavras já gastas. Solidão no nascimento e na morte. Solidão maior: conviver [...] uma certa alegria escondida de viver. Um certo vício irrecuperável de sonhar [...] o ir sem querer ir; o ficar sem querer ficar; o dizer sem querer dizer; o agradar sem querer agradar; o viver sem querer viver; o morrer sem querer morrer [...] piano fechado, violão sem cordas, flauta enferrujada, disco arranhado, cinza, cinzento, cinza: nada mais perto da violência do que a ternura repelida e não compreendida [...] olho a minha imagem refletida num espelho antigo [...] sou capaz agora de recomençar de uma maneira limpa; não necessito mais de bares, solidões acompanhadas, noites perdidas, sim, tem razão o fidalgo da Mancha: até morrer, tudo é vida [...] o dia amanhece no canto do canário-da-terra: vai começar tudo de novo [...] um artigo como este é fruto de teimosia, de quem se acostumou ao mo-

nólogo, a falar sozinho, ao grande vazio. Sempre termino me entregando ao hábito de ficar. Consola-me somente a possibilidade de que um descendente meu, consultando velhas coleções de jornais, compreenda que tentei lutar a boa luta, briguei em condições as mais difíceis [...] que fique assinalado pelo menos para os meus filhos que eu protestei na hora em que devia [...] Tampico nada tem a ver com Pa-sárgada, Xangrilá e Rancho Fundo [...] lá ninguém é amigo de reis ou rainhas; apenas em Tampico as fofocas desaparecem, as intrigas se desfazem, as vaidades não têm lugar, as inimizades passam ao largo, os sectarismos políticos não são absolutamente permitidos [...] conversa-se sobre pescarias, caçadas, vidas de heróis obscuros [...] Tampico é uma espécie de sanatório para os escritores que estão cheios de projetos inéditos em suas pálidas bibliografias [...] quero cadeira de balanço, espreguiçadeira, pancada do mar, banho de bica, jogo de cartas, whisky na medida [...] desejo a todos um carnaval alopchado de alegrias: que se divirtam [...] para os amadores, deixo esta quente folia que se aproxima [...] eu quero me enfurnar num quarto de hotel de uma cidade do interior, sem telefone, sem nenhuma notícia do mundo nem de ninguém. Beberei apenas refrigerantes e chás. É bem possível que leve a Bíblia [...] tirei férias de ser adulto, louvo os reisados, pastoris, bumbas-meu-boi, mamulengos, retretas, as noites do Recife [...] traje a rigor para aqui tem que ser de brim, de linho ou de qualquer outro leve tecido [...] os jambeiros começam a florir: flores roxas atapetam pedaços do quintal [...] não, não vou para Tampico [...]

(Palestra proferida no II Festival de Literatura de Garanhuns – Flig, em julho de 2007)

*Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.*

Carlos Drummond de Andrade

Pernambuco, *a terra de mais luz da Terra*, na expressão de Pinzón, referida pelo poeta João Cabral de Melo Neto no seu poema *O Sol em Pernambuco*, vem assistindo a um verdadeiro renascimento cultural fulcrado na (re)valorização de seu diversificado patrimônio artístico-cultural e histórico.

Pernambuco vem mostrando a força e a criatividade de seu artesanato, da sua culinária, da sua música, de sua poesia, das suas festas populares, das suas artes plásticas e cênicas e da sua literatura. Institutos e centros culturais são criados e ganham força e vida. Exposições, livros são lançados e relançados. É tempo de Pernambuco.

O sociólogo Renato Carneiro Campos, em ensaio intitulado *Joaquim Nabuco: um Agitador de Idéias*, dizia que se tivéssemos que escolher um estado, na Federação, para representar D. Quixote este estado seria Pernambuco: *Não lhe faltam magreza, loucura e sonho para tanto*.

Realmente, Renato tinha razão:

Pernambuco, com suas revoluções falhadas, com seus movimentos libertários abafados a ferro e a fogo, é uma espécie de D. Quixote da Federação.

Em virtude dos seus ideais republicanos, manifestados em 1817 (República de Pernambuco) e 1824 (Confederação do Equador), o território da antiga Província de Pernambuco perdeu as Comarcas das Alagoas e do São Francisco. Contudo, Pernambuco resistiu e nunca deixou de sonhar e de ser altivo.

Alceu Amoroso Lima disse, certa vez, que quando o Brasil está em crise se volta para cá, para a região cortada pelo Rio São Francisco, que é o *Rio da Integração Nacional*.

Se dei o meu amor a Pernambuco, dei a minha paixão ao Recife, como afirmou Chico Science. O poeta Jaci Bezerra, no poema *Tatuagem na Água*, nos diz:

*No Recife me perco e me inauguro/pisando
acácias e águas machucadas,/no bolso o sol ferido,
um sol maduro/escorre, úmido, e acende a
madrugada./Uma árvore brota no meu peito impuro/
acalentando a infância que, abismada,/brinca
dentro de mim e dói no escuro/sempe por um menino
acompanhada. Nunca a essa cidade fui perjuro/nem
nunca a reneguei, talvez por isso/ela me planta e
aninha entre os seus muros,/e eu a carrego em mim,
arreatado,/apodrecendo nos mangues dos seus
vícios/e amando como se nunca houvesse amado.*

Aqui, em nossas terras, o poeta cristão-novo Bento Teixeira foi o autor da primeira obra poética produzida no Brasil que *mereceu as honras do prelo, Prosopopéia*. Daqui saíram as primeiras imagens do Novo Mundo. Aqui, forjou-se o berço da nacionalidade. Pernambuco não se cansa de sonhar e de criar.

Que o sol de Pernambuco e a força de sua cultura e de seus ideais libertários, forjados na luta de gerações, acendam uma luz no meio da escuridão e nos mostrem o caminho do reencontro entre o Estado e a Nação.

A Geração 65 é um marco na história da cultura pernambucana e brasileira.

O sociólogo Roberto Aguiar, no *Livro dos Trinta Anos* (1995), acerca da referida Geração, organizado pelo poeta Jaci Bezerra, sintetiza a confluência dessa geração, que é composta de expressivos criadores:

[...] enquanto trabalhadores intelectuais, éramos cientes, em primeiro lugar, de que concepções ideológicas, religiosas, políticas eram bem-vindas, eram respeitadas e mesmo desejadas, mas eram secundárias à beleza e à verdade.

Para falar na Geração 65, tem que se registrar o trabalho do poeta e crítico César Leal, que a divulgou e promoveu, assim como o trabalho de Tadeu Rocha, que deu à Geração o nome de batismo pelo qual ficou conhecida.

Poderemos identificar, nos registros bibliográficos, como pertencentes a esta geração, nomes como Alberto da Cunha Melo, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, Maximiano Campos, Cláudio Aguiar, Marco Polo, Marcus Accioly, Sebastião Vila Nova, Almir Castro Barros, Arnaldo Tobias, Eugênia Menezes, Lucila Nogueira, Raimundo Carrero, Roberto Aguiar, Tereza Tenório, Maria de Lourdes Horta, Vernaide Wanderley, Gladstone Vieira Belo, Fernando Monteiro, entre outros.

Há quem defenda que tal geração não é só literária, mas tem representantes nas artes plásticas e no cinema.

O Instituto Maximiano Campos – IMC, que se dedica à valorização da cultura e à literatura brasileiras, homenageia, neste ano, essa geração, que é um marco de resistência cultural e que, infelizmente, ainda não teve o devido reconhecimento e projeção nacional.

As atividades em torno dessa geração iniciam-se com a edição do livro *Arnaldo Tobias: Singular e Plural* e vão culminar com atividades na *IV Feira Internacional do Livro*, que se realiza em outubro de 2003, em Pernambuco.

A Geração 65, de cuja gestação nasceram obras de grande valor cultural, surgiu em plena lei do silêncio da Ditadura Militar, mas nunca silenciou nem entregou seus sonhos altivos, que devem ser motivo de reconhecimento e homenagem no momento histórico e cultural em que vivemos, pois são parte da história do nosso povo e do fortalecimento das nossas raízes culturais.

Homero, na sua *Ilíada*, Livro VI, diz-nos:

*Como uma geração de folhas, assim também é a
geração dos homens. O vento espalha as folhas sobre
a terra, mas a floresta faz crescer novas folhas
quando vem a estação da primavera. Assim também
nasce uma geração de homens e outra perece.*

A Geração 65, no entanto, veio para ficar. A sua frondosa árvore plantou raízes profundas e nos deu valiosos frutos e muitas sementes que ainda vão germinar.

(Artigo publicado no *Jornal do Commercio*, em 04 de maio de 2003)

RAÍZES PERNAMBUCANAS

Maximiano Campos foi um escritor comprometido com o seu tempo e para quem escrever era se rebelar contra as dores e as injustiças do mundo.

A obra de Maximiano estava muito próxima de sua vida; como se na vida de um escritor pudessem coexistir duas biografias. Carlos Baker, excelente biógrafo, escreveu dois notáveis livros biográficos: *Ernest Hemingway, o Romance de uma Vida* e *Hemingway, o Escritor como Artista*. Em vez de serem livros estanques, eles se completam, porque todo escritor verdadeiro não é muito diferente das criaturas da sua invenção nem as suas opiniões reveladas sobre a vida podem ser diferentes das do homem que, além de escrever livros, tem que viver e conviver com as pessoas e os fatos da sua época, e porque convive, e na medida em que mais convive, é que desenvolve o seu poder criador.

Dizia Miguel de Unamuno que *há homens que se assemelham a livros, e livros que se assemelham a homens*. Um verdadeiro escritor não pode querer se assemelhar a livros, a livros de outros escritores, assumindo atitudes de personagens, confundindo vida com literatice, mas um escritor, se realmente grande, não escreve livros absolutamente diferentes do seu temperamento, de sua vida. Miguel de Unamuno, esse grande espanhol, ele próprio, assemelha-se aos seus livros. Quem duvidar que leia o seu ensaio *Como se Faz uma Novela*. Guimarães Rosa, em notável entrevista concedida a Günter W. Lorenz, disse: *às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo*.

Maximiano, o homem que ele foi, está muito presente na sua poesia, nos seus contos, na sua narrativa, algumas delas com forte dose confessional, autobiográfica. Escreveu sobre o que viveu, amou, sentiu, sofreu. A verdadeira arte é muito próxima da dor.

Acredito, como ele acreditava, que a literatura, como escreveu Carlos Drummond, *é uma das grandes consolações da vida e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade de sua condição.*

Recordo-me de que ele gostava de uma pequena história de Norman Mailer sobre um toureiro mexicano, que lhe tinha sido indicada pelo seu irmão Renato. Agora, releio nessa história o trecho admirável da prosa do grande escritor contemporâneo, certamente falando do México e de grande parte da América Latina:

Nas terras tropicais negras e sangrentas, possuídas pela pobreza, pelos desertos, pelos pântanos, pela sujeira e pela traição, pelo desmazelo e pelos lagartos gordos de todos os piores desejos, pelo desejo excretório de passar o próprio veneno aos outros, a única coisa que mantém a coragem e a esperança na vida é o conhecimento de que o homem não pode ser julgado pelo que é todos os dias, mas somente por seus maiores momentos porque este é o instante em que mostra o que tenciona ser.

Os artistas são as antenas da raça, conforme Ezra Pound, e eles nos dão a esperança e a coragem de lutar contra um mundo com o qual não se conformam e tentam melhorar, mesmo que em sonho ou na arte.

O artista que se distancia de suas raízes perde a força de sua mensagem. Dizia Tolstoi: *se queres ser universal, conta bem a tua aldeia.*

As raízes pernambucanas também estão na obra de Maximiano. Estão na obra da Geração 65, da qual fazia parte e da qual muito se orgulhava.

Na pintura, na escultura, na música, na literatura, os criadores pernambucanos vivem demonstrando isso todos os dias: a força das suas raízes.

Vejam os exemplos de Manuel Bandeira, que olhava o mar carioca e se queixava: *não tem nem a cor, nem o cheiro, nem as ondas de Boa Viagem*. Saiu daqui do Recife aos dez anos para o Rio de Janeiro e foi para a Europa, buscando a cura que parecia impossível. Voltou ao Rio. É seu o poema *Evocação do Recife*, escrito a pedido do nosso Gilberto Freyre, uma ode às suas raízes, às ruas, às pessoas, ao *Recife da minha infância*, que está na poesia que tem um fecho de emoção e que completou 80 anos em 2005:

Recife...
Rua da União
A casa do meu avô
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro
Como a casa do meu avô.

Estamos entregando aos leitores o livro de contos *Na Estrada*, com selo da Editora Iluminuras, que tem como editor Samuel Leon numa parceria com o Instituto Maximiano Campos – IMC. A identidade literária essencial de Maximiano foi o conto, embora tenha escrito romances e novelas reconhecidas pelo público. Contudo, foi no conto que Maximiano demonstrou a sua densidade narrativa. Já dizia o grande Cortázar: *todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca*.

No livro *Cartas aos Amigos*, Maximiano nos diz: *nossas vidas são espécies de romances de Deus e nós, personagens desatinados na busca de entendermos o enredo e o seu final*.

Mas também ele nos apregoa que:

Em vez de desfecho, a morte pode ser um grande início que nos desperte do sonho da vida. Por sermos filhos de Deus e suas criaturas, somos todos dilacerados entre o mundano e o divino, entre o temporal e o eterno, entre a revolta e o amor, a ignorância e a compreensão, entre a vida e a morte, o sonho e a realidade, o desalento e a esperança.

Sebastião Vila Nova, em generoso artigo publicado sobre Maximiano, assim disse:

Todo homem, mesmo o escritor, que tanto se mostra ao mundo, termina por ser um mistério — o grande mistério — indevassável, como o poderoso e ao mesmo tempo tão frágil Charles Foster Kane e o seu “Rosebud”. Todo homem leva consigo, ao partir, aquilo que nem mesmo os mais íntimos, os parentes, os amigos, as mulheres que amou, jamais sequer vislumbraram, pois afinal, como disse o poeta e místico, é na solidão que nascemos, vivemos e morremos.

Sobre o contista, o romancista e o poeta que foi Maximiano Campos, os seus trabalhos dirão melhor do que eu possa dizer, nestas palavras, onde apenas reafirmo minha admiração e tento amenizar uma saudade, falando sobre ele, agora e sempre, que soube reunir algumas palavras em sua homenagem.

Digo como Eduardo Galeano, em sua *Memórias do Fogo*:

Quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e voltarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.

A morte é mentira, sim, porque o amor e mesmo a arte são maiores que o esquecimento.

(Discurso de lançamento do livro de contos *Na Estrada*,

PERNAMBUCO, TERRA DA POESIA

Antes de percorrer as razões que levaram o Instituto Maximiano Campos à compilação desta coletânea de poesia, gostaria, inicialmente, de fazer uma reflexão sobre a palavra *poética*, sua força ancorada na miríade de portos da beleza que resgata o homem seqüestrado pela multidão de ilusões que o confundem e o diminuem. E diminuir o homem foi a exagerada medida do século xx.

No turbilhão da violência globalizada, das mudanças vertiginosas, de acontecimentos funestos como o do 11 de setembro americano, da guerra entre árabes e judeus, dos atentados na Inglaterra e na Espanha, a palavra *poética* é porto seguro, morada sagrada do homem, desde Homero. Ela toma o Partido da Humanidade, insere-se de corpo, alma e palavra na ideologia do homem.

A coletânea *Pernambuco, Terra da Poesia* é um grande painel da poesia pernambucana dos séculos xvi ao xxi que reúne 161 poetas, 128 nascidos neste estado e 33 que fizeram dele seu domicílio literário.

Um de seus objetivos é acender a chama e dar maior clareza ao mapa histórico da literatura pernambucana.

Este, então, tem sido agraciado pelo fato de ser uma verdadeira usina de escritores e poetas, muitos deles, atingindo um grau de refinamento muito elevado, já estão incrustados definitivamente nas páginas da Literatura Brasileira. Mas todos os poetas provavelmente almejam que alguém um dia leia seus trabalhos literários e os compreenda.

Isso seria, no entanto, apenas discurso fácil, se não houvesse, neste trabalho, um propósito claro e objetivo: o registro, neste trem

de muitas estações, de suas passagens. Os poemas aqui inseridos serão documentos inegáveis da intenção desta coletânea; uma prova de que resistirá ao tempo. Esta coletânea vai desde o primeiro poema escrito no Brasil, *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, até a Geração 65 e alguns poetas de gerações posteriores. Como todos os escritos poéticos, esses trajetos não se desenrolam uniformemente, cada poeta e cada poema têm as suas próprias características, e a avaliação e o julgamento ou o encantamento que deles advierem estão reservados aos leitores deste exemplar. Uma estética sucede-se à outra, assim como um juízo a outro. A história da arte poética está longe de formar um todo homogêneo e unânime. Assim, acreditamos que a tarefa da poesia tem sido, através dos séculos, falar da verdade que habita em cada homem, em cada escritor, de uma forma atemporal, que possibilite ao próprio homem se reconhecer em qualquer época. Ferreira Gullar nos diz:

Pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer, uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens.

A poesia está em toda parte, no que se sente, no que se ouve, no que se vê, não só no que se escreve [...] Ela aflora na música popular, nos textos de cronistas, no teatro, nos filmes, nas vidas. Manuel Bandeira falava dos poetas bissextos, aqueles que só aparecem de quatro em quatro anos, como o 29 de fevereiro [...] Bandeira editou, inclusive, a sua *Antologia dos Poetas Bissextos*, com mais de 100 poemas escritos por engenheiros, médicos, padres, empresários, advogados, pessoas que ninguém imaginava que fossem poetas.

Essa poesia, renovada, está em toda parte e, hoje, os saraus estão voltando ao gosto de muitos estratos sociais brasileiros. Para muitos, a criação literária é uma espécie de psicanálise que dispensa a figura do analista, confissão que prescinde de vigário, fotografia sem câmara. De outra parte, poucos são os escritores que desconhecem o sofrimento de escrever, que não tenham vivido a

busca da palavra essencial. Que não entendam como é difícil, por vezes, a associação entre a idéia e o texto.

O mundo fragmentado precisa se unir, e uma coletânea é uma tentativa de união. João Cabral de Melo Neto mostra que a reunião de diversos cantos é que faz uma grande manhã:

Um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisará sempre de outros galos.

[...] para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

Quem sabe, a poesia possa servir, agora, como um ímã, a atrair sentimentos dispersos e idéias em fragmentos numa grande união poética; enfim, a rascunhar, mesmo que precariamente, e sem aspirar o definitivo, breves esboços de direção. É o caso da maioria dos textos inseridos nesta antologia que, entregue agora ao deleite e ao julgamento dos leitores, vai seguir seu caminho, levando indagações, questionamentos, beleza. Não estranhem, então, se encontrarem chuvas nesta coletânea; conhecedores de que *o sol nasceu para todos*, não desconhecemos que a chuva também.

Pretendemos com esta coletânea — primeira de uma série, em sua primeira versão — estimular os poetas, despertar vocações, acordar o público leitor para o valor e a importância da literatura, mostrar um grande painel poético de uma terra que luta e sonha.

O sociólogo Renato Carneiro Campos, em ensaio intitulado *Joaquim Nabuco: um Agitador de Idéias*, dizia que, se tivesse que escolher um estado, na Federação, para representar D. Quixote, este estado seria Pernambuco: *não lhe faltam magreza, loucura e sonho para tanto*.

Realmente, Renato tinha razão: *Pernambuco, com suas revoluções falhadas, com seus movimentos libertários abafados a ferro e a fogo, é uma espécie de D. Quixote da Federação*.

Em virtude dos seus ideais republicanos, manifestados em 1817 (República de Pernambuco) e 1824 (Confederação do Equador), o território da antiga Província de Pernambuco perdeu as Comarcas

das Alagoas e do São Francisco. Contudo, Pernambuco resistiu e nunca deixou de sonhar e de fazer arte.

Alceu Amoroso Lima disse, certa vez, que quando o Brasil está em crise se volta para cá, para a região cortada pelo Rio São Francisco, que é o *Rio da Integração Nacional*.

Aqui, em nossas terras, o poeta cristão-novo Bento Teixeira foi o autor da primeira obra poética produzida no Brasil que “mereceu as honras do prelo”, *Prosopopéia*. Daqui saíram as primeiras imagens do Novo Mundo. Aqui, forjou-se o berço da nacionalidade. Pernambuco não se cansa de sonhar, de criar, de fazer poesia.

Que o sol de Pernambuco e a força de sua poesia e de seus ideais libertários, forjados na luta de gerações, acendam uma luz no meio da escuridão e nos mostrem o verdadeiro caminho da nação brasileira.

(Apresentação da coletânea *Pernambuco, Terra da Poesia*)

PANORÂMICA DO CONTO EM PERNAMBUCO

Desci dos seus braços e me segurei nas pernas das calças, acompanhando-o e descobrindo a paixão do meu pai pelos livros, pelas artes e pela escrita, paixão que me transmitiu, permaneceu comigo e, hoje, é minha. E aqui estou, perdido entre tantos afazeres, mas sempre com tempo, e atento, acordado, aceso para tudo o que se relaciona com a Literatura: ainda menino, atirei-me à leitura dos grandes autores e, quando menos esperei, surpreendi-me escrevendo os primeiros poemas, as primeiras narrativas, faceta da minha vida assim apreendida por Raimundo Carrero, amigo da família:

Na verdade, ninguém pode estranhar ou ficar admirado. Desde criança, Antônio se acostumou a conviver com os livros, com as palavras, com a poesia, enfim. Ali no canto da sala observando o pai, o romancista Maximiano Campos, a ler também ou a conversar com os amigos sobre a arte da literatura. Olhos e ouvidos acesos para o mundo e para o texto. As palavras lhe chegavam como o vento e como a luz.

O Instituto Maximiano Campos surgiu da necessidade de preservar a memória do escritor Maximiano Campos, meu pai. Memória não apenas dele, mas também da família, do trabalho, dos seus amigos — na quase totalidade escritores —, do seu Estado, da sua região, o Nordeste do Brasil. Para ser fiel ao seu espírito plural e coletivo, o IMC, além de conservar, promover e divulgar a

obra de Maximiano, realiza eventos culturais nos vários campos artísticos, abarcando tudo aquilo que se refere à cultura brasileira, à época em que ele viveu, participante que era da chamada Geração 65 de escritores pernambucanos.

Como atesta Ariano Suassuna,

no universo de Maximiano Campos, o povo está sempre em campo aberto. Ou no eito, a pé, miserável, degradado pela miséria, ou a cavalo, enfrentando com coragem a empreitada da vida. Sempre ao sol, porém, como numa afirmação de saúde e de esperança, apesar de todos os sofrimentos. É que, no Brasil em geral e no Nordeste em particular, o épico é sempre realizado pelos pescadores, pelos vaqueiros, pelos cantadores, pelos cangaceiros.

Entre as atividades que o IMC vem desenvolvendo, devo destacar a publicação de livros. Considero um projeto de longo alcance a edição da coletânea *Pernambuco, Terra da Poesia* — um painel da poesia pernambucana dos séculos XVI ao XXI —, organizada por mim e Cláudia Cordeiro, alcançando grande abrangência, com ótimos resultados morais, afetivos e literários. A toda hora, em toda parte, encontro um poeta agradecido por participar da obra ou escritores e críticos a comentá-la, citando desconhecidos autores nela revelados.

Esse reconhecimento do nosso trabalho fez vir à tona o desejo de dar continuidade à divulgação da literatura pernambucana na área da ficção. Era chegada a vez do conto. Uma antologia de contos, do conto pernambucano, tão abrangente quanto havia sido a de poesia. Pernambucano no sentido não só daquele que nasceu em nosso Estado, mas de todo aquele que aqui teve a sua formação ou que fez de Pernambuco o seu domicílio cultural, tal como Castro Alves, Tobias Barreto, Silvio Romero, Raul Pompéia, Franklin Távora, José Lins do Rego e, atualmente, lembro Ariano Suassuna, César Leal, Cláudio Aguiar.

Para organizar comigo esta segunda coletânea, convidei o escritor Cyl Gallindo, de vasta experiência, jornalista, poeta, contista, ensaísta e autor de um romance inédito, traduzido em vários idiomas e especialista em Euclides da Cunha, organizador de antologias de sucesso, nas quais incluiu trabalhos do amigo e companheiro Maximiano Campos. Conseguimos reunir 114 escritores, após a leitura de cerca de 500 trabalhos em livros, revistas, Internet e os que foram enviados pelos próprios autores. Registramos excelentes descobertas, desde a inédita Margarida Cantarelli até o ex-governador de Pernambuco Barbosa Lima Sobrinho; na extensão do conceito de *pernambucanidade*, fizemos, ainda, a inclusão de Graciliano Ramos, porque morou em Buíque, dos dois aos nove anos de idade, onde fez os seus primeiros estudos, assim como a de Clarice Lispector, porque aportou no Recife criança, onde também estudou, e se confessava recifense.

O resultado de todo esse trabalho, para o qual não medimos esforços, é esta *Panorâmica do Conto em Pernambuco*, que o Instituto Maximiano Campos entrega ao público leitor brasileiro com muito orgulho e sensação de dever cumprido. Entrega que faremos oficialmente na *Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas – FLIPORTO*, que este ano tem como lema a *Integração Cultural Latino-americana*, na qual se reúnem e se unem aos companheiros escritores do Brasil, equipes de praticamente todos os países de língua espanhola, vizinhos de geografia, história, alegria, sofrimento e esperança. Assim, na III FLIPORTO, sob os auspícios do IMC, nasce uma versão verdadeiramente cultural do Mercosul, sendo que aqui não se compra nem se vende, mas se trocam conhecimentos, experiências, afetos, harmonia e uma proposta duradoura de convivência entre países vizinhos, que o futuro haverá de avaliar sem paixões.

(Apresentação da *Panorâmica do Conto em Pernambuco*, Editora Escrituras, 2007)



América Latina – A (re)invenção do sonho

PERMANÊNCIA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

A assistimos ao resgate da literatura hispano-americana, através de novas edições que modificam sensivelmente o panorama editorial brasileiro. Os autores do *boom* dos anos 1960 retornam à convivência nas universidades, nas ruas, nas mãos de jovens e idosos. Como, por exemplo, a edição popularizada de *Cem Anos de Solidão*, de García Márquez, além dos livros de Mario Vargas Llosa, lançados pela Alfaguara, desde os mais antigos até os mais recentes. Mas o que acontece é que surgem novos nomes, tudo a demonstrar a força de imaginação e expressão da contemporaneidade latino-americana.

As dificuldades impostas pelas ditaduras na América Latina de alguma forma impulsionaram o fantástico, por um lado, e o realismo maravilhoso, por outro. O culto a um escritor emblemático como Jorge Luis Borges vem servir de exemplo à necessidade de fantasia que habita em cada um de nós e à condição do homem como um mapa de possibilidades absurdas, imprevisíveis, em um pacto inconsciente não apenas com o provisório, mas com a eternidade e o infinito. Assim como Bioy Casares, Julio Cortázar também manteve em seu texto essa fidelidade à imaginação que caracterizou as vanguardas, ainda que este último participasse, como pessoa, de uma linha política voltada à liberdade social. Ambos caracterizados como cosmopolitas, ficam em um patamar que não rejeita a Europa, onde se encontram igualmente Mario Vargas Llosa e os posteriores Ricardo Piglia e César Aira.

Ao largo, passam autores, como Miguel Angel Asturias, Juan Rulfo, Alejo Carpentier, Isabel Allende, que assumem o pensamento

mítico da América Latina anterior à convivência com o racionalismo europeu. E, na encruzilhada entre o mito e a razão, escolhem a simultaneidade híbrida que caracteriza a cultura da América Latina. Só quem já conheceu a cultura do interior dos países do chamado Novo Mundo há de compreender essa crença na magia e no milagre, entranhada no olhar de cada um de nós, essa expectativa de dias melhores a atravessar o sonho, na diversidade da paisagem que caracteriza este complexo de nações sonhado e unificado por Bolívar, sonhado e pacificado pela luta de Guevara, de cuja morte assinalamos os quarenta anos em 2007.

Com o desenvolvimento das novas mídias e dos meios de comunicação, foi-se construindo uma nova mentalidade, e autores mais jovens passam a rejeitar a raiz mítica de sua cultura original. É a época do cosmopolitismo, e vão sendo publicados textos que já não têm mais a ver nem com a fantasia labiríntica nem com o realismo mítico e mágico: as pessoas que escrevem *blogs* na Internet se acostumam a conviver com a realidade de várias outras nações: dá-se uma polifonia de vozes surpreendente, e o recorte desse coral textual não poderia deixar de ser registrado, ao tempo em que desponta como força motriz da expressão literária em nossas terras.

A Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas – FLIPORTO (de 27 a 30 de setembro de 2007), surge este ano como uma homenagem, que é ao mesmo tempo uma retomada de consciência da identidade cultural da América Latina. A partir de homenagens e painéis que destacam valores bem especiais, não hesitamos em trazer ao nosso país uma equipe de 75 autores, do Brasil e dos vários países da América Latina, todos a confraternizar e trocar suas experiências culturais e literárias, alguns já destacados, outros mais jovens, no início de sua trajetória. Com a sensibilidade do reconhecimento, foram convidados Fernando Rendón, prêmio Nobel alternativo com seu *Festival de Medellín*; Alex Pausides, com o *Festival de Poesia de Havana*; e José Maria Memet, organizador do *Chile-Poesia*. Além disso, figuras da maior expressividade, como a argentina Aitana Alberti, filha do grande poeta espanhol Rafael Alberti, o poeta da

República Dominicana Rei Berroa, mexicanos, cubanos e peruanos, em painéis que vão homenagear autores como Gabriela Mistral e García Márquez, além de brasileiros, como Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Marcus Accioly, Clarice Lispector, Nérida Piñon. Contando com a presença de acadêmicos como Sábado Magaldi, Moacyr Scliar, Antônio Carlos Secchin e de escritores emblemáticos como Thiago de Mello, Márcio Souza, Cláudio Willer, Floriano Martins. Da terra pernambucana brotará a costumeira hospitalidade a todos, em meio a uma festa que não esquecerá a música, a pintura, a cultura popular. Tudo a comprovar a vitalidade permanente da literatura latino-americana, sua alegria fantástica, que nenhum sofrimento histórico conseguiu ainda desmoronar, antes atua como estímulo a uma esperança, que é de todos, sobre dias melhores, diminuídas a pobreza, a violência e a solidão.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 25 de julho de 2007)

FESTA DA AMÉRICA LATINA

Porto de Galinhas é um lugar especial do continente latino-americano: caminhando nessa praia, surge-nos a dúvida, presente em tantos livros de literatura: trata-se de algo fantástico ou é mesmo realidade? Sua beleza é um passaporte incessante para a arte; ainda que com seus contrastes, não poderia haver espaço mais propício à troca de experiências literárias, o lugar com força de utopia, dotado da atmosfera mágica da Macondo, de que falou o colombiano García Márquez. Nossa idéia de dedicar a versão 2007 deste festival literário aos países latino-americanos descansa na certeza de que entraremos em um permanente diálogo com as várias nuances da nossa latinidade. Porque esta praia, mais do que cenário, é memória, vivência e presságio. A utopia da América inventada, a cada instante, no multipluralismo que desafia, mas confirma, paradoxalmente, a noção tradicional de identidade e pátria.

Mesmo quando os conquistadores, antes de aqui desembarcar, começaram a nos inventar, vozes alternativas levantaram indagações e registraram espaços de alteridade: Frei Bartolomeu de Las Casas, Juan Luiz de Alarcán e, no Brasil, por exemplo, Gregório de Matos. Andrés Bello via a América como o refúgio da liberdade; Simón Bolívar foi o autor da utopia de uma cultura hispano-americana continental e solidária; José Vasconcelos viu a América Latina como uma raça cósmica, e seu anseio anticolonialista se irmanou à universalidade proposta por Bolívar; no Brasil, tivemos os estudiosos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, pesquisando detalhadamente as conseqüências dos cruzamentos, em nosso

continente, dos modelos étnicos originais. Desde os maias, incas e astecas à chegada dos conquistadores, foram muitos os patamares percorridos até a formação da consciência latino-americana.

A beleza e a complexidade da América Latina ressaltam a partir de seus textos literários. É a literatura, entendida como produto cultural, que mostra as chaves principais e significativas do processo social, histórico e econômico, que permite entender de maneira mais profunda o que somos, o que vivemos, o que sonhamos. A criação literária latino-americana exige uma revisão do passado a partir do presente, uma vez que dilui fronteiras, mantendo, no entanto, suas diferenças e contradições. Conhecer a realidade latino-americana através de sua literatura implica não só fazer uma viagem em suas várias geografias, mas sobretudo compreender o sujeito migrante em seus contextos centro/periferia, âmbito rural/âmbito urbano. Do Caribe à Amazônia, dos Andes à Patagônia. Vivência e vigência mítica, quer voltadas ao cosmopolitismo das vanguardas, quer ao dinamismo psíquico dos contos epifânicos.

A Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas – FLIPORTO/2007, vem atender a esse chamado da atualidade, em que ultrapassamos o conceito do nacional, em direção ao encontro dos países latino-americanos, que, embora não falem a mesma língua, são agentes históricos, na imaginação e na resistência, de uma mesma linguagem cívica e humana. O pós-colonialismo permitiu uma melhor compreensão do outro: tanto aquele viajante do passado que aqui aportou há mais de quinhentos anos como os que, produtos de etnias e culturas híbridas, constituem o perfil da diversidade do homem das Américas. O pensamento bolivariano da união desses povos é um estilo e um caleidoscópio em que o escritor, longe de ser mero espectador, intervém na história como homem de ação — com a sua obra, ele vai definindo e retratando a sociedade em que vive, bem como a fragmentação do homem contemporâneo. Pois sabemos que na América Latina as dificuldades de ordem econômica e libertária têm um contraponto de impacto com a extrema riqueza de suas produções culturais, tudo se articulando

na formação desse mural sucessivo de mitos, sonhos, magia, sofrimento, autoritarismo, pobreza, discriminação, de uma voz que não se cala e se constitui em um território que extrapola as fronteiras materiais para formar uma marcha direcionada a um mundo que se acredita possa ser cada vez mais digno e pleno.

Para o escritor peruano Vargas Llosa, ser latino-americano é ter consciência de que as demarcações territoriais que dividem nossos países são artificiais, impostas de maneira arbitrária na época colonial, sendo o denominador comum dessas comunidades muito mais profundo do que as diferenças particulares. Não podemos esquecer que nos anos sessenta do século passado foi a América Latina o cenário do renascimento socialista e de um novo romantismo revolucionário: sua brava história foi acompanhada por europeus, anglo-americanos, africanos e asiáticos.

Entretanto, se há uma América Latina ocidentalizada, que fala espanhol, português e francês, há outra indígena, que em países como México, Equador, Peru, Bolívia e Guatemala conserva práticas e crenças de raiz pré-colombiana. Embora haja quem considere o início da América Latina com a chegada dos portugueses e espanhóis, o que assistimos é ao fortalecimento na consciência etnográfica do respeito aos povos indígenas. Esse hibridismo representa um microcosmo que reúne tanto os latino-americanos de origem portuguesa, espanhola, italiana, alemã, chinesa ou japonesa como os que descendem dos antigos astecas, toltecas, maias, quíchuas, aimaras ou caribes — sem esquecer, naturalmente, a marca profunda deixada pelos africanos no continente onde estão há cinco séculos, que vai desde os tipos humanos à fala, música, comida, religião.

Na verdade, ao destacar os contrastes da realidade latino-americana, Mario Vargas Llosa, autor do *Dicionário Amoroso da América Latina*, afirma que a riqueza desta última está em seu continente, que carece de identidade porque contém todas elas, daí porque é essa terra que, com tantos pobres e desempregados, com altos índices de criminalidade aliados à diáspora de sua gente, com um contingente tão grande de analfabetos, vem exhibir diante

do mundo um nível altíssimo de originalidade artística e literária.

Perguntado se era cubano ou argentino, respondeu Ernesto Che Guevara: *sou cubano, argentino, boliviano, peruano, equatoriano [...] considero que a minha pátria não é a Argentina, mas toda a América*. O escritor Julio Cortázar, apesar de nascido na Bélgica e haver morado muito tempo em Paris, sempre se sentiu latino-americano. Seus textos, como sua vida, são testemunho da luta por um mundo mais justo, sem imperialismo nem opressão, sem fome nem exploração, e, quanto mais se considere essa uma luta utópica, mais teremos a convicção de que ela será eterna. Porque as armas políticas do escritor estão diretamente relacionadas à sua responsabilidade: através do romance político latino-americano, tem-se exorcizado no continente o fenômeno de déspotas, ditadores, tiranos. Pois é a paixão romântica pela pátria que leva os escritores a denunciarem os abusos dos governantes. Por outro lado, o continente que produz *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Astúrias, assim como *Eu o Supremo*, de Augusto Roa Bastos, e *O Outono do Patriarca*, de Gabriel García Márquez, é o mesmo em que surgem as obras de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares, voltados mais para o elemento fantástico da literatura. Já Alejo Carpentier vai contrapor ao racionalismo europeu um mundo de deuses de vodu e entidades fantásticas, em que o delírio da imaginação intervala com o trabalho, a dor e o sacrifício do homem — chamamos essa crença mítica que transita pelo registro da cultura européia, a partir da língua, de *realismo mágico* ou *maravilhoso*.

Se a afirmação do que é americano se faz em oposição ao que é europeu, a do que é latino-americano, em oposição ao norte-americano. Na fixação da cultura local, é importante a ideologia da mestiçagem, sempre considerada o nosso traço diferenciador. O interesse do Brasil pela cultura da América Hispânica, bem como da América de língua francesa — em que avulta, por exemplo, o nome de Édouard Glissant —, engloba a música, o cinema, as artes plásticas, a literatura. Sabemos que esses conceitos não se confundem: Latino-América é toda aquela em que se falam línguas latinas, no caso o português, o espanhol, o francês; Ibero-América

é ligada à fala das línguas portuguesa e hispânica; finalmente, Hispano-América se refere aos países de língua espanhola. Do etnocentrismo ao diálogo de culturas, ocorreu o questionamento do modelo eurocêntrico, bem como a necessidade de uma atenção específica ao processo de descolonização cultural.

O aprofundamento nas raízes da nossa identidade nos mostra latino-americanos imersos na cultura dos nossos países, mas igualmente integrados em um outro tipo de soberania — no caso, a emancipação continental dos intelectuais na tribuna permanente da arte e da literatura, na certeza de que a resistência contra qualquer dominação vem sempre intensificar os verdadeiros traços da nossa cultura. Temos mantido o idealismo e a diversificação nesse exercício em que a literatura surge como a razão fundamental da existência, e a nossa mestiçagem cada vez mais se conjuga na produção da referência internacional dos nossos trabalhadores intelectuais.

Por isso aqui estamos, *para amar e ser amados, para lembrar e ser lembrados*.

Aqui estamos, símbolos e arquétipos de nós mesmos, e temos em nossa defesa a magia e a história da nossa realidade contemporânea. Cremos no destino comum da América Latina, personagens que somos, autores e atores da nossa literatura, a proferir esse eterno testemunho que damos diante do céu e do mar, do azul inesquecível desta praia de Porto de Galinhas.

(Abertura da FLIPORTO/2007)

VI

Áfricas

ARRAIAS DE CANUDOS

A Antônio Carlos Escobar,
vítima da violência, que não se omitiu

A nossa realidade está violenta. Como operador do Direito e preocupado com tal fenômeno, que atinge a todos, venho trazer alguns dados e opiniões sobre o tema com a certeza de que sei muito pouco, mas desconfio de muita coisa.

O senador Mauro Miranda, em discurso denominado *Violência Urbana*, proferido no Congresso Nacional, abordou, com propriedade, esse terrível fenômeno de nossos dias:

*Hoje, temos a posição humilhante e desconfortável de terceiro país mais violento do mundo, vindo logo depois da África do Sul e Jamaica, e seguido, no quarto e quinto lugares, por Colômbia e Filipinas, segundo fontes da ONU. As mesmas fontes revelam que, nos últimos dezoito anos, o número de homicídios subiu de quinze para cinquenta, para cada grupo de 100 mil habitantes. Por seu lado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento revela que os custos econômicos e sociais da violência consomem atualmente, no Brasil, cerca de 12,5% do PIB, ou aproximadamente 100 bilhões de dólares. (In *Violência urbana*, Renato Posterli, ed. inédita, p. 12, edição do Senado Federal.)*

Os dados são relevantes e sinalizam no sentido de que é melhor atacar as verdadeiras causas da violência no nosso país do que lidar apenas com os seus perversos efeitos, inclusive financeiros.

O BID constatou ainda que os altos índices de criminalidade têm desestimulado os investimentos estrangeiros no Brasil. É que as

empresas precisam adicionar um novo custo para se instalar no Brasil: os gastos com segurança.

Em sua origem e natureza, a violência é muito mais cultural que fisiopsicológica, ou seja, a violência é mais resultante da atual sociedade que, através da predominância de valores materiais sobre os valores éticos, religiosos, jurídicos, multiplica os estímulos criminosos no ser humano. A violência é mais uma resposta à pressão da sociedade que uma liberação instintiva ou psicofisiológica.

A sociedade moderna é caracteristicamente narcísica e criminógena, ou melhor, marcada pela perda do sentimento de continuidade histórica, pela diluição dos valores e implosão dos ideais, pela incapacidade de enfrentar o presente de outro modo que não sob a forma do desespero para os mais lúcidos e da indiferença para as massas. Frustração, ressentimento (aliados à insegurança pelas próprias condições de vida) geram violência e agressividade.

A violência é um fenômeno complexo e universal. Infelizmente, o crime (basta lembrar a história bíblica em que Caim matou Abel) sempre vai acompanhar o homem como uma sombra dolorosa em sua caminhada pela Terra. A questão central são os níveis de violência na sociedade atual.

O sociólogo americano Wrigth Mills, em sua obra *A Imaginação Sociológica*, ensina-nos a saber diferenciar uma questão estrutural da sociedade de uma mera perturbação pessoal, através de um exemplo simples. Em uma cidade de 100 mil habitantes com 50 desempregados, não se pode considerar uma *questão estrutural*, mas um índice que deve ser entendido como: perturbação pessoal. Contudo, se essa cidade, em vez de 50 desempregados, possui 30 mil, já não podemos encarar como perturbação pessoal, pois existem fatores estruturais da sociedade a influenciar tal realidade. Esse mesmo exemplo se aplica à violência, especialmente quando os seus níveis extrapolam o nível de suportabilidade, como no caso da sociedade brasileira.

Uma ilusão que ainda persiste é a de que medidas penais rigorosas, como o apelo emocional à pena de morte, eliminariam, ante o seu

efeito intimidativo, a criminalidade. Ora, essa não é causa em si mesma, mas efeito de certas condições ou fatores, e somente eliminando-se esses fatores ou reduzindo-se a sua influência é que a criminalidade pode ser reduzida.

O Brasil entra no século XXI apresentando o título de campeão mundial de concentração de renda e índices sociais de Terceiro Mundo. A exclusão social no Brasil é o grande combustível para a violência e tem uma forte aliada, que é a impunidade.

O Governo brasileiro precisa cessar a rota suicida de dar para o capital financeiro tudo e para o social poucas migalhas e investir seriamente em saúde, educação, geração de empregos, ou seja, investir em nossa população, atacando verdadeiramente as raízes estruturais da violência no Brasil, pois já diz o dito popular que *é melhor prevenir do que remediar*, até mesmo sob o ponto de vista financeiro, em razão do alto custo da violência em nosso país.

O relator das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, afirmou que *a fome no Brasil tem contornos de genocídio* e que existe em nosso país uma “guerra social”.

Explodiram vários arraiais de Canudos pelo Brasil. É uma guerra social caracterizada por uma violência sem precedentes provocada, em grande parte, por 50 milhões de brasileiros que vivem na miséria, com menos de R\$ 80,00 por mês. Tal contingente populacional é quase a soma da população do Uruguai, Paraguai, da Bolívia e Argentina.

O Arraial de Canudos tem seu equivalente atual e urbano na favela da cidade, tão bem representada pela Cidade de Deus, que virou filme. O que houve em Canudos e o que continua a acontecer até hoje, no campo e nas grandes cidades, é o choque entre duas realidades distintas — a da classe dominante, que constitui o Brasil oficial, e uma multidão de deserdados e famintos, que constitui o Brasil real.

A violência não é um problema apenas policial. Nenhuma política pública voltada para a segurança poderá ter êxito garantido apenas com o envolvimento de forças policiais. O Estado e a sociedade

precisam realizar ações efetivas também no campo social com ênfase na educação. Temos que combater o crime, mas temos que tentar salvar aqueles que podem tornar-se criminosos ou reincidir no crime.

A pedra angular para a edificação da nação brasileira é a diminuição das desigualdades sociais para que tenhamos, no futuro, em vez de uma guerra social, um país digno de ser habitado.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 2005)

ESQUECER, NUNCA MAIS

A Bono Vox, profeta musical eletrônico das causas humanitárias

A visita do presidente Lula à Casa dos Escravos, na Ilha de Gorée, no Senegal, foi marcada por um tom simbólico. Ali é um lugar de meditação sobre a tragédia do tráfico negreiro, embora outros portos, como o da Ilha de Luanda, na frente da capital de Angola, tenha embarcado mais negros, segundo os historiadores. *Penso que é uma boa política dizer ao povo do Senegal e ao povo da África: perdão pelo que fizemos aos negros*, disse Lula, que preside um país marcado por 300 anos de escravidão e que foi o último país das Américas a libertar os escravos.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, milhões de africanos foram levados para as Américas como “mercadorias”. Os escravos eram transformados em números, não tinham nomes nem sobrenomes. Eram vendidos e classificados pelo peso.

Embora haja controvérsia estatística, estudos afirmam que morreram quase 6 milhões de negros na travessia para as Américas, tendo o oceano como leito de morte. É um holocausto do tamanho do realizado com os judeus. A página da escravidão não pode ser esquecida, pois deixou marcas profundas.

Joaquim Nabuco, no seu livro *Minha formação*, escreveu essas palavras marcantes: *a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil*. Em nossa época, outras formas de escravidão ainda grassam pelo País. É que os nossos pobres continuam escravos a espera de uma segunda abolição.

Somos campeões na exportação de alimentos. O agronegócio significa 30% do nosso PIB. Contudo, *há uma miséria maior do*

que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã (José Américo de Almeida, frase dita quando ministro da Viação e Obras Públicas, durante a grande seca de 1932). Enquanto exportamos grande quantidade de comida, cerca de 50 milhões de brasileiros passam fome. É a consequência de uma nova forma de colonização, num processo de globalização, que tem a dívida pública como instrumento de domínio, que chega a tornar o nosso país quase um território, portermos que pagar uma grande dívida e(x)terna e interna.

Atualmente, no Brasil, os pobres estão morrendo de fome, e os ricos estão morrendo de medo. É uma verdadeira África dentro do Brasil. Esta é a situação provocada por um *apartheid* social caracterizado por 50 milhões de brasileiros vivendo na faixa de pobreza absoluta, o que gera um elevado nível de conflito social e uma violência sem precedentes.

Já dizia Ken Livingstone, ex-prefeito de Londres, *todo ano o sistema financeiro internacional mata mais pessoas do que a Segunda Guerra. Mas, pelo menos, Hitler era louco.*

O fascinante filme *Ponto de Mutação* (Mindwalk), baseado na obra de Fritjof Capra, através da lucidez da cientista interpretada por Liv Ullmann, alerta-nos:

Sabia que o mundo, todo dia, 40 mil crianças morrem de desnutrição e doenças evitáveis? Quase a todo segundo. Agora... e agora... Mas essas curtas vidas não podem ser vistas isoladamente. São parte de um sistema maior, que envolve a economia, o meio ambiente e, sobretudo, a grande dívida do Terceiro Mundo. [...] Há três anos, um presidente perguntou: “Crianças devem passar fome para pagarmos a dívida?”. Tal pergunta foi respondida na prática, e a resposta foi “sim” porque, desde então, milhares de crianças do Terceiro Mundo deram a vida delas para pagar a dívida de seus países e outros milhões pagam os juros com corpos e mentes subnutridos.

O Brasil e o mundo têm uma grande dívida com a África. O Mestre Gilberto Freyre nos ensinou que a miscigenação é uma das qualidades nacionais, marcante na formação brasileira.

Conservadas as atuais projeções demográficas (declínio da natalidade da população branca e queda mais lenta da natalidade dos negros e mulatos), o Brasil será, dentro de duas décadas, uma nação formada majoritariamente por cidadãos descendentes de africanos. Fechar-se-á, assim, um ciclo: antes de 1850, também éramos uma nação formada em sua maioria por negros e mulatos (Luiz Felipe de Alencastro, historiador).

O grande Joaquim Nabuco pensou além da abolição e defendeu a reforma agrária, tendo sofrido conseqüências eleitorais adversas por uma idéia tão avançada para a época. O ideário de Nabuco continua vivo a inquietar os brasileiros: *a necessidade de completar a abolição com uma maior justiça social e uma reforma agrária que traga paz ao campo.*

TRILHAS DA DIÁSPORA: LITERATURA EM ÁFRICA E AMÉRICA LATINA

Atravessar o Atlântico, mas no sentido inverso ao dos navios negreiros que trouxeram ao nosso continente mais de 9 milhões de escravos, a partir dos primeiros anos do século XVI. Aos 120 anos da Abolição, celebrar o significado da África no Brasil e na América Latina, nós, afro-brasileiros, afro-latinos, no confronto aos códigos de discriminação e opressão. Não é geográfico esse ponto de retorno, uma vez que reside inquebrantável dentro de nossa memória étnica. Trata-se de um reencontro com o nosso chão psicológico, nossa paisagem mais nítida, a fisionomia que não conseguiram tornar invisível.

Latino-americanos a congregar os vários desdobramentos da diáspora africana nestes tempos pós-coloniais. Conscientes de suas vastas raízes, sabedores que os próprios iberos colonizadores já traziam dentro de si o sangue norte-africano, após oito séculos em que eles dominaram a península.

Brasileiros que há cinco anos tem em sua legislação a de número 10.639, sancionada a 9 de janeiro de 2003, tornando obrigatório, nos ensinos Fundamental e Médio, o ensino de história e cultura afro-brasileira e história e cultura africana, estabelecendo diretrizes para as relações interétnicas em nosso país.

A educação multicultural vem significar o resgate da plenitude histórica e social quanto à identidade racial e à diversidade na sociedade pluriétnica, implementando ações que superem a falsificação histórica aos afro-descendentes. Há nas universidades brasi-

leiras um verdadeiro *boom* de estudos acadêmicos sobre autores africanos, sobre a formação do continente e sua evolução desde mesmo a cultura egípcia até os processos políticos mais recentes. O caminho seguido é a releitura da historiografia africana, o percurso de seus traços identitários em fatos marcantes, a preocupação com problemas comuns, como o desmatamento e a pobreza

Em 1925, o mexicano José Vasconcelos afirmou que na América Latina estava se formando uma nova raça, feita com a riqueza de todas as anteriores, a raça final, a *raça cósmica*. Há uma seqüência de pensadores que tem ajudado o nosso povo a não perder jamais a auto-estima, desde Bartolomé de Las Casas, o Apóstolo da América, até Simon Bolívar, José Martí, Sousaândrade, José Veríssimo. Sabemos reconhecer a importância da mitologia asteca, bela como a da Grécia, sentimos a riqueza da nossa cultura mestiça, sentimos orgulho da presença africana em nossa cultura, na música, no temperamento, na literatura.

A terceira versão da FLIPORTO, realizada em setembro do ano passado, internacionalizou-se e transformou o Brasil em um pólo congregador dos vários países latino-americanos. Cuba, Colômbia, Nicarágua, Porto Rico, República Dominicana, Bolívia, Chile, Peru, México, Argentina, Uruguai, Venezuela estiveram aqui representados, escritores referenciais em suas comunidades, com militância ativa em seu pacto literário. E tudo em um ambiente descontraído, característico do Nordeste, presentes também grandes nomes nacionais e pernambucanos, de modo que os convidados ficaram impressionados inclusive com o grande público presente à programação literária, em uma euforia compatível com a intensidade e o profissionalismo como foi desenvolvido o nosso trabalho.

Agora, nos estendemos à África. Mais detalhadamente aos países de língua portuguesa, porém celebrando autores como a primeira mulher africana negra a receber o Prêmio Nobel da Paz, Wangari Maathai (Quênia, 2004), e o primeiro africano negro Prêmio Nobel de Literatura, Wole Soyinka (Nigéria, 1986). Homenageando o poeta negro Cruz e Sousa, fundador do nosso simbolismo, aos 110 anos

de sua passagem, bem como ao poeta baiano Castro Alves, pelos 140 anos da apresentação pública de *Tragédia no Mar*, que viria a se chamar *O Navio Negreiro* (1868). Homenageamos nesta versão o grande escritor Jorge Amado, pelos 70 anos de publicação na França de *Jubiabá*, vitória obtida após haverem sido queimadas, no ano anterior, as edições de *O País do Carnaval*, *Suor*, *Cacau*, *Mar Morto*, *Capitães de Areia* e o próprio *Jubiabá*, por determinação da Sexta Região Militar. A FLIPORTO/2008 presta, ainda, uma significativa homenagem ao centenário do poeta negro pernambucano Solano Trindade, bem como aos 120 anos da Abolição.

Na praia de Porto de Galinhas, antigo porto de escravos, dar-se-á o encontro/reencontro das etnias: escritores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, debatendo temas de interesse comum com escritores brasileiros, hispano-americanos, autores portugueses e espanhóis entusiasmados com o pós-colonialismo, teóricos fundamentais contemporâneos dos estudos interétnicos e culturais. Tudo dentro da perspectiva que não vê a literatura como mero entretenimento, mas como fator educacional de formação humanística, como parte da cultura, como princípio ético/estético a preencher o vazio e fortalecer no homem a coragem, a resistência, o gosto da beleza, a busca de si mesmo, a solidariedade entre os povos.

VII

A vida é um ato contínuo de despedida

*Esta palavra saudade
Conheço desde criança
Saudade de amor ausente
Não é saudade, é lembrança
Saudade só é saudade
Quando morre a esperança.*

Pinto do Monteiro

*Quem quiser plantar saudade
escalde logo a semente
procure um terreno seco
na hora de sol bem quente
que se plantar no molhado
quando nascer mata a gente.*

*A saudade é um parafuso
que na rosca quando cai
só entra se for torcendo
porque batendo não vai
e se enferrujar por dentro
pode quebrar, mas não sai.*

Antônio Pereira, poeta da saudade

SONATA DE UMA SAUDADE

Quando as primeiras estrelas apareceram no céu no último sábado (05/06), aqui, no Recife, uma outra, de grande luz, teve a sua forma física sepultada na presença de familiares e amigos. Refiro-me a George Lederman, a quem a vida me deu o privilégio e a alegria de conhecer.

Homem de sensibilidade, psicanalista notável, de grande gosto musical. Andava com a música no coração, como o mar ondula na noite, com a lua em suas ondas. Tentava transmitir a harmonia das músicas.

Com ele, tive conversas importantes para mim. Falamos horas, por exemplo, sobre a nossa admiração por Viktor Frankl e o seu livro *Em Busca do Sentido*. O princípio do sentido como contraponto ao princípio do prazer defendido por Freud. Lembro um trecho de Frankl:

Nós que vivemos em campos de concentração lembramos de homens que caminhavam pelos abrigos dando conforto aos demais, ofertando seu último pedaço de pão. Podem ter sido poucos em números, mas oferecem prova suficiente de que tudo pode ser tirado de um homem, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas — escolher sua atitude em um determinado conjunto de circunstâncias, escolher seu próprio caminho.

Sim, George, amigo. Você ajudou muitos a escolher o seu próprio caminho e demonstrou que a fraternidade é possível, apesar de toda violência, das guerras e da incompreensão. Afinal, *o grande trabalho*

é do amor/sem bronzes, sem assinaturas,/no ar do espaço, na hora do tempo (Alberto da Cunha Melo).

O colombiano Gabriel García Márquez — o Gabo — disse-nos certa vez que morrer é não poder mais estar com os amigos. Eduardo Galeano, esse uruguaio notável, autor de *Memória do Fogo* e *O Livro dos Abraços*, nos traz esta mensagem:

Quebro este ovo, e nasce a mulher, e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e voltarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira.

Custamos a acreditar em sua passagem, mas obrigado por você ter existido. A canção de sua vida continua a tocar em nossos corações.

(Artigo publicado no *Jornal do Comercio*, em 09 de junho de 2004)

*O povo de Deus no deserto andava,
mas à sua frente alguém caminhava.
O povo de Deus era rico em nada.
Só tinha esperança e o pó da estrada.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Somente a Tua graça me basta e mais nada.
O povo de Deus também vacilava.
Às vezes, custava a crer no amor.
O povo de Deus chorando rezava,
pedia perdão e recomeçava.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Perdoa se, às vezes, não creio em mais nada.
O povo de Deus também teve fome.
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.
O povo de Deus cantando deu graças.
Provou Teu amor, Teu amor que não passa.
Também sou Teu povo, Senhor, e estou nessa estrada.
Tu és alimento na longa jornada.*

Oração Cristã

Quando vivemos momentos dramáticos da política brasileira — o sepultamento de esperanças e, ao mesmo tempo, o sonho de uma democracia depurada e limpa —, perdemos, fisicamente, Arraes morreu como viveu: lutando. *O futuro do povo livre e emancipado, esse nós temos que merecer, que conquistar a cada hora e a cada dia* (Arraes).

Sou um homem marcado, mas esta marca temerária entre as cinzas das estrelas há de um dia se apagar (Arraes citando um poema de Joaquim Cardozo, poeta e calculista pernambucano, *Canto do Homem Marcado*, quando diz: *sou um homem marcado [...] em país ocupado, pelo estrangeiro*). Sim, ele sempre foi um homem marcado, mas fez dessa marca o seu escudo. Foi um homem inconformado, como muitos brasileiros, com a miséria, com a fome, com o analfabetismo e a crescente dependência externa do País. Contudo, o seu sonho é imortal e não se apagará: o sonho de uma pátria livre e mais igualitária. Um povo não pode despedir-se de sua história.

Ouvi dele, certa vez, que a maior aula de política que teve na vida foi quando assistiu à seca de 1932, no Crato, Ceará, e viu, na companhia de seu pai, nordestinos morrerem de fome nas estradas e nas ruas. Aquela imagem nunca lhe saiu da memória. Essa imagem se assemelha à de Joaquim Nabuco, que nunca esqueceu o escravo caído sob seus pés, quando ainda criança no Engenho Massangana, suplicando por ajuda. Esse fato lhe inspirou a causa abolicionista, narrada no livro *Minha Formação*.

Arraes entendeu, desde cedo, as dificuldades do povo pobre do Nordeste e a escravidão da miséria.

A propriedade não tem somente direitos, tem também deveres [...]. Não separei mais as duas questões, a da emancipação e a da democratização do solo. Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta: é preciso destruir a obra da escravidão (Joaquim Nabuco).

Homens como Joaquim Nabuco, Arraes, Josué de Castro, Dom Helder, Julião, entre outros, compreenderam, desde cedo, que a mais importante das reformas é a social. Sem ela, qualquer outra não tem valor.

Arraes conheceu de cantadores populares do Nordeste e escritores como Pablo Neruda, Gabriel García Márquez e Sartre. Conviveu com vários políticos e homens de pensamento. Teve conversas com Fidel Castro, Yasser Arafat, Mário Soares, Samora Machel, Agostinho Neto, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Salvador Allende, entre outros. Conviveu tanto com velhos coronéis do Nordeste como com líderes como Gregório Bezerra e Julião. Foi uma das testemunhas vivas da Operação Condor, que eliminou diversas lideranças de esquerda na América Latina. Ainda criança, pediu por três vezes a bênção a Padre Cícero, a quem viu rezar por algumas vezes, e trazia, na memória, algumas orações. Contudo, era nas feiras e nas periferias das cidades que gostava de caminhar e conversar com o povo humilde e sábio de sua terra.

Dr. Barbosa Lima Sobrinho, cuja história se entrelaçou com a de Arraes, tendo-o feito delegado do Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA, e secretário da Fazenda de Pernambuco, assim sintetizou as batalhas seculares dos que lutam pela afirmação dos valores nacionais:

Através dos séculos, só existem realmente, no Brasil, dois partidos, o de André Vidal de Negreiros e o de Calabar. O de Tiradentes e o de Joaquim Silvério dos Reis. O que não transige com o interesse do Brasil e o que atrela o destino do Brasil ao destino de uma nação estrangeira. O que não recua diante de nenhum sacrifício

e o que procura se acomodar à missão de dependência e de humilhação, numa vassalagem que ignorou a força e a grandeza de um ideal de autonomia (in Barbosa Lima Sobrinho, Presença de Alberto Torres, Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1968, p. 518 e 519).

Arraes é um símbolo de resistência. Representou e ainda representa a continuidade de uma luta histórica. Guerreiro do povo que nunca fugiu das lutas por mais árduas e difíceis que fossem. Enfrentou muitas adversidades. Não negociou, manteve a coerência e a fé. Teve emblematicamente o mesmo número de filhos do personagem bíblico Jó. Arraes foi plantado na terra, no Dia dos Pais, e essa semente ainda dará muitos frutos. Como disse o poeta Domingos Alexandre: *pela cidade e pelo campo,/pela justiça e pela paz,/cantemos, pois, em um só coro: Miguel Arraes.*

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 2005)

*Sim, tenho uma teoria:
a da coragem invicta.
Ah! minha velha coragem
invicta! Perdi brigas e batalhas,
dias e noites no ócio e na
devassidão, momentos
de beleza não percebidos,
sofri remorsos tremendos
e saudades descomunais,
tristezas portentosas e
angústias indescritíveis.
Mas nunca fugi, em nenhum
momento me rendi nem me
escondi do mundo.
Por isto, minha coragem
é invicta, invicta.*

Maximiano Campos

A CORAGEM INVICTA

Nunca se entregou. Não correu da luta. Nunca se escondeu do mundo. Assim, sua coragem foi invicta. Falo do homem e jurista Ricardo Fiúza, que tive o prazer de conhecer mais de perto nos últimos dois anos e com ele conversar algumas vezes, em Terra de Santa Fé (Gravatá), local que fez lugar sagrado para viver e sonhar com os filhos e a esposa, D. Ilze.

Era um homem de grande afetividade, de cultura e que sabia cativar as amizades. Já adoentado, ligava semanalmente para mim para saber da saúde de Dr. Arraes, que, na época, estava internado. As diferenças políticas nunca inviabilizaram a amizade dos dois, amizade esta que vinha do pai de Ricardo Fiúza.

Cervantes, esse grande escritor espanhol, disse certa vez que, quando o homem perde uma propriedade, ele perde alguma coisa. Quando perde um amigo, ele perde muita coisa. Quando perde a coragem, ele perde tudo. Uma das características fundamentais de Fiúza foi a de enfrentar as adversidades políticas e mesmo pessoais. Sempre admirei a sua coragem.

Consagrou sua atuação parlamentar de oito legislaturas, sendo relator do novo Código Civil, que é a Constituição do cidadão. A classe de advogados perdeu um combativo defensor no Congresso Nacional.

Antes de adoecer, estava lendo livros sobre a formação do povo brasileiro e pretendia escrever algo em torno do assunto, o que foi objeto de uma longa conversa comigo.

Foi Santo Agostinho que nos ensinou que a morte é apenas estar do outro lado do caminho:

A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo. Me dêem o nome que vocês sempre me deram, falem comigo como vocês sempre fizeram. Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador. Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos. Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim. Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo. Sem nenhum traço de sombra. A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Por que eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas? Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho...

Afinal, a coragem invicta de Fiúza o imortalizou na sua passagem pela vida terrena ao demonstrar que a morte não é nada e é apenas um outro lado do caminho.

(Artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 2005)

DADOS BIBLIOGRÁFICOS

Sobre o autor

Filho do escritor Maximiano Campos, da Geração 65 de autores pernambucanos, Antônio Campos nasceu em 1968, no Recife, onde se bacharelou em Direito em 1990, sendo hoje advogado especializado em Direito Empresarial e Direito do Entretenimento. Além disso, é presidente do Instituto Maximiano Campos – IMC (www.imcbr.org.br), sociedade civil voltada à valorização da cultura brasileira, especialmente dos valores literários, com ampla atuação em Pernambuco e no Nordeste.

Publicou os seguintes livros: *Mensagens* (2002); *Pense S. A.* (2002); *O Grande Portal* (2003); *Direito Eleitoral – Eleições 2004* (2004); *Viver é Resistir* (2005); além da plaquete *A Arte de Advogar* (2004). Também organizou obras como a coletânea *Pernambuco, Terra da Poesia* (2005) e *Panorama do Conto em Pernambuco*.

Co-fundador do Instituto de Direito Privado da Faculdade de Direito do Recife, Antônio Campos pertence a várias entidades culturais e profissionais, a exemplo da União Brasileira de Escritores – Seção de Pernambuco; da Associação de Imprensa de Pernambuco, onde é conselheiro; da Academia de Artes e Letras de Pernambuco; e do 2º Conselho de Contribuintes da Receita Federal. Na área literária, tem se destacado como curador da *Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas* – FLIPORTO, uma das mais bem-sucedidas iniciativas do País nesse campo de atuação.



ANTÔNIO CAMPOS

Rua do Chacon, 335, Casa Forte
52061-400 – Recife – PE – Brasil
Fones/fax: 55 (81) 3267.5787/3304.7342

Na internet:

camposad@camposadvogados.com.br

www.camposadvogados.com.br

www.imcbr.org.br

www.antoniocampos.com.br

www.fliporto.net



O SOPRO QUE VEM DA PALAVRA

Ao longo dos tempos, cartas chegaram até nós,
que nos revelam fatos, pessoas, ensinamentos.

Como as cartas que os apóstolos escreveram para
as igrejas em formação. As cartas do romano Cícero à
sua Terência. Mais recentemente, as cartas de

Rainer Maria Rilke ao jovem poeta Kappus;

de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade;

Cartas ao mundo, de Glauber Rocha;

Cartas a um jovem contestador,

de Christopher Hitchens; entre tantas outras.

Escrever um livro é como mandar cartas aos amigos.

Por que se escreve uma carta?

Porque não se pode falar nem calar.

A criação da linguagem e da palavra é
a criação do espaço humano.

